

OS MANDAMENTOS DO ESCOTEIRO

B. Cellini

**OS MANDAMENTOS
DO ESCOTEIRO**



RIO DE JANEIRO
Typ. do Patronato—Rua Real Grandeza, 174
1926



COMPROMISSO DO ESCOTEIRO

Prometto pela minha honra:

- 1 — Proceder em todas as circumstancias como um homem, consciente dos seus deveres, leal e generoso.
- 2 — Amar a Deus e a minha Patria; servil-a fielmente na paz ou na guerra.
- 3 — Obedecer ao Codigo do Escoteiro.

CODIGO DO ESCOTEIRO

- Art. 1º — A palavra de um escoteiro é sagrada. Elle colloca a honra acima de tudo até mesmo da propria vida.
- Art. 2º — O escoteiro sabe obedecer. Comprehede que a disciplina é uma necessidade de interesse geral.
- Art. 3º — O escoteiro é um homem de iniciativa.
- Art. 4º — O escoteiro acceita, em todas as circumstancias, a responsabilidade dos seus actos.

Art. 5º — O escoteiro é leal e cortez para com todos.

Art. 6º — O escoteiro considera todos os outros escoteiros como seus irmãos, sem distincção de classe social.

Art. 7º — O escoteiro é generoso e valente; sempre prompto a auxiliar os fracos, mesmo com perigo da propria vida.

Art. 8º — O escoteiro pratica, todos os dias, uma boa acção, por mais modesta que seja.

Art. 9º — O escoteiro estima os animaes e se oppõe a toda a crueldade contra elles.

Art. 10º — O escoteiro é sempre jovial e entusiasta e procura o lado bom de todas as cousas.

Art. 11º — O escoteiro é economico e respeitador do bem alheio.

Art. 12º — O escoteiro tem a constante preocupação de sua dignidade e do respeito a si mesmo.



Aos Paes de meus patriciosinhos

PORQUE? PARA QUE?

Porque?

Aos treze annos de idade me veio ter ás mãos um livro de D. Antonio de Trueba, que se intitulava **A Lei de Deus**. Em dez narrativas de captivante interesse e dulcissimo sabor o notavel prosador espanhol punha em acção, vigorosa e nitidamente, os dez Mandamentos da Lei Divina.

Tal foi a impressão, que me causou a leitura desse livro, que ainda hoje... (quantos annos? Quantos... se passaram já!...) perdura, em meo coração, e no meo espirito, o beneficio que della me adveio.

Confesso que, somente nessa occasião, comprehendí e admirei a perfeição daquelles dez artigos de lei, que encerram em si toda a felicidade do homem na terra.

Agora, meditando sobre a nova lei — a do escotismo — que, sem differir da Lei Divina, na essencia, traduz em fórmulas novas os deveres que incumbem

à creança — e a muitos homens também — para conduzi-la á perfeição de poder assimilar e cumprir a Lei de Deus, é que me veio á memoria o livro que, na infancia, tanto me deliciou...

Doze contos, singelas narrativas, nas quaes ficassem apresentados ao vivo, exemplificados, os doze artigos do Codigo do Escoteiro, seriam — não o par, o **pendant** do livro de D. Antonio de Trueba — e isso porque lhe faltaria o principal, o preparo e a competencia do narrador — mas um simples reflexo, embora pallido, da **Lei de Deus**.

E como nem só aos audazes ajuda a fortuna sinão que também aos timidos a creança auxilia, resolvi escrever na minha desentoadada algaravia, o que ao deante poderão vêr.

Para que?...

Já fui instructor de escoteiros, acompanho de perto, ainda, o trabalho pertinaz de outros instructores, e sempre verifiquei a difficuldade que sobrevem áquelles que ensinam o escotismo, quando se trata de motivar e analysar o Codigo, artigo por artigo, como é necessario fazer. Não é que faltem aos instructores em geral habilidade e competencia para tal empreendimento; mas á propria creança apraz melhor o exemplo, o espelho em que ella possa vêr — como em tela de cinematographo — o desenrolar do successo, do facto, que lhe é contado, enunciado, do que aprender, de outiva, disposições que lhe ficam no ou-

vido e na memoria, mas cuja applicação á realidade e resultados beneficos, quasi sempre ella não alcança.

No seu enunciado simples e conciso, cada artigo do Codigo do Escoteiro contem um mundo de considerações philosophicas, problemas de moral e de psychologia, que não é facil esmiuçar e demonstrar pelo seu lado pratico... E a theoria é banida do Escotismo!

Somente o exemplo, a imagem incisiva e por assim dizer palpavel pode, de relance, impressionar os cerebros e os corações infantis.

Collocando essas doze narrativas no terreno da realidade, das cousas que acontecem, que podem ser feitas; apresentando-as em linguagem desataviada e de rapida comprehensão, quiz dar aos meos queridos patriciosinhos um livro de contos, de leitura amena, e que elles pudessem percorrer com o olhar recebendo ao mesmo tempo, e sem querer mesmo, a emoção subita que lhes prenderá a attenção e lhes conduzirá o espirito á repetição — **in mente** — dos artigos do Codigo, que elles vêm postos em pratica, como **cousa acontecida**.

Não sei si conseguirei o meo intento, si farei vibrar ao menos um dos pequenos corações brasileiros, aos quaes me dirijo. Si não o conseguir terei, quando menos, offerecido ás creanças da minha Terra uma distracção, uma leitura mais aproveitavel, certamente, do que as proezas e aventuras inverosimeis e mal-sans de um gatuno qualquer ou de um qualquer policial, mais ou menos idiotas, que só lhes conduzem o pensamento para longe do Dever, da Realidade e... o que é mais triste... da Moral.

Será gabolice minha o que acima escrevi? Talvez.
Ahi está o livro, com todos os seus e os meus defeitos.
Si algum menino o lêr até ao fim, dar-me-ei por perdoado da minha audacia em tel-o escripto.

1926.

BENEVENUTO CELLINI.

(na Selva: Jaboty — êtê)



A todos os Chefes e Instructores
— DE —


Escotismo, no Brasil,

insignificante homenagem

do collega e camarada

Benevenuto Cellini

(o Jaboty - êtê)



Os Mandamentos do Escoteiro

(O Código em acção)

ART. 1.º

“A palavra do escoteiro é sagrada. Elle colloca a honra acima de tudo, até mesmo da propria vida”.

I

Julio era um menino de treze annos, filho do carpinteiro Jeremias, pobre operario que, com esforço inaudito, vencendo mil difficuldades, trabalhava do romper do dia á noite fechada, para poder manter-se, a si e aos dois filhos — Julio e uma irmanzinha — que sua esposa, ao morrer, tanto lhe recommendára.

Na villa de S. onde residia, pouco trabalho lhe ia ter ás mãos, e a não ser as encommendas ameudadas que, mais por disfarçada caridade do que por precisão, o doutor Silveira, o medico — Providencia dos Pobres, como era chamado — da cidade proxima, lhe fazia, o pobre Jeremias teria morrido já de fome.

Julio auxiliava o pai em quanto lhe era possivel, nas folgas que lhe davam a escola primaria da villa e os exercicios do grupo de escoteiros, que na proxima

Veranópolis, a cidade do districto — funcionava e ao qual elle estava filiado, por indicação do Dr. Silveira ao pai do menino. Tanto na escola como no grupo de escoteiros Julio sobressahia entre os companheiros pela sua mansidão, alliada a rara energia de character, que o tornava sempre o primeiro de sua classe e egual aos melhores escoteiros.

Entre as attribuições constantes de Jeremias, figurava o aluguel do casebre remendado em que elle estabelecêra a sua officina, residindo nos fundos. O proprietario dessa e de outras habitações na villa era o solicitador, (que se intitulava doutor) Serapião, advogado de causas escusas e que, cabo eleitoral de nomeada, vivia isolado em uma fazendola dos arredores, somente cercado de capangas, assassinos e turbulentos fugidos da justiça e que elle protegia e acoutava.

Todos os mezes parava á porta do pobre carpinteiro um d'aquelles mãos sujeitos, montado em cavallo arreiado á gaúcha, que lhe trazia o recibo dos 30 mil réis do aluguel. E Serapião não queria desculpas. Era dinheiro sempre, aliás, o que o portador levava. E com ameaças e outros meios o Serapião tinha em cada inquilino seo um eleitor á força, de modo que, em vespéras de eleição, elle mandava um dos seus capangas de confiança entregar a chapa com o nome do candidato d'elle, Serapião; e ai! de quem tugisse: era logo despejado do tugurio e ficava sem tecto da noite para o dia.

Ora, approximava-se justamente o dia das eleições para uma vaga de deputado estadual e Jeremias já esperava resignado a visita obrigatoria do portador do voto que, á ordem de Serapião, elle deveria ir collocar na urna, annullando assim a sua vontade, o seo arbitrio, a sua independencia!... Mas o que não faria o Jeremias pelos filhos?

Nessa tarde, em que Jeremias, depois de haver terminado a sua modesta refeição, respirava um pouco, á porta da casinha, antes de retomar o trabalho, o Dr. Silveira fazendo estacar a sua "charrette" á porta do carpinteiro, atirou as redeas ao pescoço do "poney" e saltou para junto do operario, que se descobrira, lhe disse alegremente:

— Olhe, mestre! Temos novidade. Nunca me metti em politica, como você sabe... Mas os meos amigos e meos clientes fazem questão fechada e eu conto tambem com o seo votosinho para deputado, hein?

O carpinteiro estremeceu. Devia mil obrigações áquelle homem, que o auxiliava de todos os modos, que lhe presenteava os filhos, que o tratava e ás creanças gratuitamente, fornecendo até os medicamentos e a dieta muitas vezes... e tinha de dar o voto ao candidato do Serapião, que não tardaria com a sua visita habitual! Jeremias, entretanto, respondeo sem hesitar:

— Cumprirei o meo dever, sr. doutor!

II

No dia seguinte pela manhã, pouco depois de ter o Julio partido para a escola, parou á porta do Jeremias o esperado emissario do Serapião, que encostando o cavallo á unica janella da casinha gritou para o carpinteiro:

— Olá, **seu** Jeremia. Bom dia...

— Bom dia! respondeo o pobre homem sem levantar a cabeça.

— **Escuite** aqui.

Jeremias suspendeu a enchó com que escavava o taboão sobre o banco de carapina e disse:

— Pode falar.

— O dr. mandou **le dizê** que **despois** de amanhã espera o **sinhô** na bocca da urna, **tá** entendendo?

— Estou.

— Então eu digo que o **sinhô** vae?

— Diga... que eu vou cumprir o meo dever.

— **Tá** bem. Gosto de **home** assim decidido. Passar bem.

E colhendo as redeas o sacripante continuou a jornada de intimação aos inquilinos do Serapião.

O carpinteiro acompanhou-o com os olhos, depois voltando ao seo banco de trabalho cravou com firmeza a enchó no taboão, repetindo:

— Vou cumprir o meo dever!

A' tarde, quando Julio voltou da escola, o pai desabafou-se com elle, pois era o seo confidente habi-

tual. E prevenio-o de que talvez tivessem de abandonar aquelle pouso, onde morrêra a querida mamãe do Julio, porque o Serapião não perdoava!

O menino ouviu o pae com gravidade e depois, risonho, acariciou-lhe as barbas e disse-lhe:

— Papae não se afflija! Cumpra o seu dever, como disse. Vote no dr. Silveira, que afinal é o nosso amigo e protector!

— Meo Julinho! respondeo o Jeremias abraçando e beijando o filho. Falaste como um homem. Deus providenciará quanto ao resto.

Depois de jantarem, enquanto Julio e sua irmanzinha mais moça do que elle, mas já dona de casa pela ausencia da mamãe, arrumavam a modesta **baixella** do carpinteiro, este voltando á officina ouviu a voz muito conhecida do Dr. Silveira, que se annunciava:

— Póde-se entrar?

— Sr. doutor; esta casa é sua... disse o carpinteiro indo ao encontro do medico.

— Minha, não! E' do tratante do Serapião! pillheriou o Dr. Silveira. Mas vamos ao caso!

— O que é que ordena o nosso bom amigo?

— Eu ordeno que você me preste attenção.

— Sou todo ouvidos, sr. doutor.

O medico, limpando com a mão os cavacos e a serragem da ponta do banco, passou a perna direita sobre elle, apoiando o corpo sobre a outra perna e pondo a mão no hombro do carpinteiro falou:

— Jeremias, vou precisar de um grande serviço teu.

— Será uma felicidade para todos nós...

— Tu sabes que eu não entendo de politica. Nunca me occupei d'isso. Só agora os amigos me metteram nesta enrascada. Mas eu não sabia que tu eras eleitor do Serapião.

— Sr. doutor. Eu voto em quem quero...

— Tá! tá! tá!... Retiro o pedido que te fiz hontem, que não quero a tua desgraça. Vota no Serapião, homem, sinão estás na rua, tu e os teos!

— Eu já decidi, dr. Para mim era indiferente que fosse eleito Fulano ou Beltrano; agora, porém, o caso muda de figura...

— Mas Jeremias...

— Peço-lhe perdão, sr. doutor. Eu já respondi ao recado do Serapião.

— Disseste que ias votar em mim?

— Não senhor. Disse que ia cumprir o meo dever.

— Bem. Não insisto. Depois ha de se dar o geito. Mas vamos ao serviço que preciso de ti.

— Diga, sr. doutor.

— Quero que me emprestes o Julio!

— O senhor manda em nós todos. Julinho! chamou o carpinteiro.

— Espera, homem. Vou te dizer...

— Não quero saber, dr.

— Alerta! exclamou o menino apresentando-se.

— Boa tarde, dr.! Papae me chamou?

— O dr. Silveira precisa de ti. Vae te arranjar..

— Não! interrompeo o medico, sahindo do banco e segurando Julio pelo braço. Eu preciso delle assim como está.

— Em mangas de camisa, sem chapéo e descalço?!

— Justamente.

— Mas a calça é remendada, dr.

— Tanto melhor!

— Pois si é assim mesmo, aqui estou ás suas ordens! disse o menino rindo-se.

— Tens vergonha de vir assim commigo!

— E? Vergonha de que?

— Pois então vou explicar a teo pai...

— Nada d'isso! protestou o carpinteiro. Não perca tempo, dr.

— E' que o Julio talvez só possa voltar amanhã...

— Amanhã, ou depois, quando o senhor não precisar mais delle.

— Então vamos Julinho!...

— Um instante!

O menino correo á cosinha, abraçou e beijou a irmanzinha, recommendou-lhe o seo coelhinho e depois voltou á officina, beijou a mão do pae e virando-se para o medico, perfilou-se e fazendo a saudação escoteira, disse:

— A's ordens!

— Para a charrette. Vamos ao villino.

III

O medico possuía, a meio caminho da cidade, uma pequena chacara, onde costumava passar o verão e repousar nos domingos. Foi para lá que elle conduziu Julio, chegando ao villino, ao cahir da noite.

Ao entrar o medico na sala de jantar da sua residencia foi saudado com alegres exclamações de diversos amigos, que alli o aguardavam afim de combinar com elle as ultimas providencias para a eleição. Um delles, de respeitaveis barbas brancas, que parecia ter grande ascendencia sobre os outros, exclamou:

— Ora graças que chegou, dr. Recebemos agora mesmo recado do Xavier, que vem apressar as providencias de que precisamos.

— E porque?

— Porque o Simas...

— Que Simas? O meo copeiro?

— Esse mesmo. Um grande patife! Atraiçounos... Foi visto a conversar, muito amigo, com o **Ventania**, capataz das obras do Serapião, que lhe deo dinheiro.

— Canalha! exclamou o medico. Ouvia as nossas combinações e ia vendel-as ao Serapião! E agora o que fazer?

— E' appellar para o Coronel Rodovalho...

— Eu já havia pensado nelle. Tencionava escrever-lhe e para isso até já trouxe um portador.

— Pois então mãos á obra! Não se perde tempo O portador é seguro?

— E' este menino...

E o doutor voltou-se para a porta onde Julio ficára, reservadamente. Os circumstantes olharam para o menino e um d'elles observou:

— Uma creança, dr.?

— Que tem isso?

— Lembre-se que o portador tem de correr perigo. Para ir á fabrica de tecidos é preciso atravessar os dominios do Serapião...

— Eu atravessarei! disse simplesmente Julio.

O timbre de voz do menino impressionou aquelles homens pela clareza do enunciado e o tom firme de que se revestio.

— Tenho confiança nelle e passará mais depressa do que um homem.

— E os riscos que vae correr? aventurou um.

— Não se faz fritada sem quebrar ovos... disse com jovialidade o menino. Só peço ao sr. doutor que escreva o seo recado em papel bem fino, que é melhor para mim.

— Comprehando... Mas onde vou eu buscar a esta hora papel fino?

— Aqui...

E Julio saccou do bolso da calça a sua carteirinha de escoteiro, que não o abandonava nunca, e della extrahio uma folha de papel leve e fina, como casca de cebola.

— Mas o envelope vae fazer volume...

— O doutor me desculpe, mas commigo não é preciso envelope.

Um murmurio de sympathia acolheo essa declaração.

O medico escreveo rapidamente algumas linhas e depois disse:

— Vou lêr o que escrevi, porque convêm que você saiba do que se trata.

— Não é preciso, dr. O senhor com certeza pede o auxilio do Coronel Rodovalho, que na fabrica tem para mais de 1.500 operarios...

— E' isso mesmo. Agora ouve. E' preciso que esta carta seja entregue ao Coronel, amanhã, antes de meio dia, porque...

— E' sabbado. Comprehendo.

— Tens muito que andar... Serão talvez...

— São duas leguas e meia para noroeste. Rumo do Matto Secco.

— Este pequeno sabe tudo! disse o ancião das barbas brancas.

— E' que eu sou escoteiro e portanto não admira...

Os amigos do doutor, interessados pelo dialogo, haviam cercado o menino. O medico continuou:

— E' preciso que fiques avisado de que talvez os capangas do Serapião estejam pelos caminhos e tentem impedir a tua passagem...

— Eu passarei! affirmou Julio.

— Tens assim certeza? gracejou o ancião.

— Dr. Silveira. Dou a minha palavra de escoteiro que o Coronel Rodovalho receberá sua carta antes de meio dia.

— Acredito em ti, meo filho. Vae!

— Assim de noite?... aventurou um.

— Para um escoteiro, em serviço, não ha noite e eu conheço o caminho de cór...

Julinho encaminhou-se para a porta e alli, voltando-se, disse em voz hesitante:

— Dr. Silveira, tome conta de papae e de maninha! Até á volta, si eu voltar.

E, fazendo a saudação inteira, o menino rodou nos calcanhares e desapareceu no escuro da noite.

IV

Julinho venceu rapidamente, em passo escoteiro, os tres primeiros kilometros da estrada; depois tendo alcançado um atalho que, pela corda de arco que formava, lhe pouparia uns quatro kilometros talvez, enfiou-se pela matta que bordava o caminho e que elle conhecia arbusto por arbusto, arvore por arvore, dos constantes exercicios de escotismo que por alli fazia o seo grupo.

O olhar do menino, acostumado ao sol e á treva, prescrutava todos os recantos da passagem e o seo ouvido, educado nas noites de sentinella aos acampamentos, distinguia e logo classificava os mil ruidos nocturnos. Decorreram horas e em uma aberta da

matta, o menino examinando o céo, determinou a posição dos astros e rapidamente concluiu:

— Duas horas da manhã. A noite está fresca. Toca a andar.

E tirando do bolso da calça um pedaço de pão, de que se munira ao sahir de casa, sem destino, começou a comel-o aos pedacinhos, sem deixar de caminhar.

O atalho já se approximava da estrada, quando Julio percebeo o resfolegar de uma montaria qualquer, que sacode o freio. O menino achatou-se de encontro ao chão e começou a rastejar de moita em moita até chegar á borda do barranco que dominava, em córte, a estrada. Com todo o cuidado lançou o olhar para a faixa clara do caminho e nada vio.

— Não é possível! murmurou elle. Teria me enganado?

Limpou com a mão um pequeno circulo de terreno, onde logo applicou o ouvido e sentio um rumor de conversa e duas ou tres pancadas surdas.

— Patadas de cavallo... Mais de uma pessoa...

De novo o menino procedeo á inspecção da estrada. Para a direita a vista era interceptada por uma curva formada pelo barranco.

— Estão alli! disse elle.

E com mil precauções se dirigio, sempre de rastos, para o ponto visado, até chegar ao rebordo onde se occultou. Pela estrada soou o galope de um ca-

vallo e em breve surgio um cavalleiro que, perto, estacou a montaria, dizendo:

— O' **Lambisco**, então nada ainda?

— Nada, **Ventania**!

— Você e o **Turipa** são dois idiotas!

— Porque?

— O atalho sahe aqui e vocês só vigiam a estrada... A essa hora o **paco** já passou!

— Não é possível! Si elle sahisse do atalho seguia pela estrada e você o encontraria. Mas como é que o patrão soube do negocio?

— Foi o **Simas** que voltou de noite e assistio á grande conferencia do medico. Conseguio saber que se tratava de levar uma carta á fabrica... então veio a galope prevenir o patrão...

— Quem será o portador?

— Isso é que não se sabe. Seja quem fôr, o caminho é este e o marreco está seguro!

O menino, ao ouvir estas palavras, estremeceo, e fez um movimento de recuo involuntario, que foi a sua perda. Alguns torrões de barro rolaram do barranco e elle não poude fugir a tempo. Uma vez seguro Julio resolveo lutar pela astucia, respondendo á pergunta:

— Quem é você, garoto?

— Sou o Julio, filho do carpinteiro Jeremias.

— Conheço, disse o **Ventania**, é inquilino do patrão... E' dos nossos. Mas o que é que você está fazendo por aqui a estas horas?

Julio, como escoteiro, era incapaz de mentir; por outro lado não podia falar a verdade.

— Estava descansando... disse elle.

— Descansando de que?

— Ora essa! De andar...

— Para onde ia você?

— Eu vim da villa...

— Isso não é resposta! Para onde?

— Eu ia á fabrica Progresso! declarou lealmente o menino.

Os homens entreolharam-se...

— Querem vêr que... resmungou o **Lambisco**. Tinha graça!...

— O que ias fazer á Fabrica? continuou o **Ventania**.

N'um relampago, impellido pela premencia da situação, Julio formulou a realidade de um fim, adoptado naquelle instante.

— Vou pedir ao dono da fabrica trabalho para papae!

— Verdade, verdade, o Jeremias não ha-de ter muito que fazer em S.! E viver ás moscas não rende nada. ..affirmou o **Turipa**.

— Pelo sim, pelo não, **Lambisco**, revista esse gury!

Sem um protesto Julio deixou-se revistar, nada encontrando o **Lambisco** além de um pedacinho de lapis, um quarto de papel, um rôlosinho de barbante e

faiscas de pão. Mais um canivete velho e a carteirinha de escoteiro.

— Deixa vêr esse livrinho... Que é isto?

— Minha carteira de escoteiro... Pode lêr...

— Isso fica para o patrão. Vamos até lá. Dizem que esses taes de escoteiros são uns finorios. Vocês dois continuem a vigiar. Eu levo o pequeno. Monta á garupa, fedelho!

Julio, sem uma palavra, encarapitou-se á garupa do **Ventania**, que partio rapidamente, gritando:

— Olho vivo, rapaziada!

V

Dentro em meia hora, já clareava a manhã, chegaram **Ventania** e Julio á varanda da casa habitada por Serapião, que, fatigado das costumadas orgias nocturnas, se havia deitado naquelle momento. **Ventania** apeiou-se, amarrando as redeas ao corrimão da varanda e entrou no corredor da casa, levando Julio seguro pelo braço.

O menino, senhor de si, pensava que a sua vinda alli lhe havia adeantado caminho, approximando-o mais da fabrica; emquanto assim pensava, relanceava o olhar para todos os lados, estudando rapidamente a disposição do local: um comprido corredor que partia da porta principal, com aposentos fechados de um e de outro lado, e que provavelmente ia ter ao fundo da casa.

Ventania bateo a uma das portas e disse:

— Póde-se entrar, patrão? E' o **Ventania**.

— Vae para o inferno! gritou uma voz roufenha. Agora que eu ia dormir...

— Trago uma grande novidade, dr.

— Entra então com os diabos, e não amola!

Ventania empurrou a porta e penetrou, sempre seguro ao Julio, em um aposento de indescrível desordem. Um homem, de chambre, deitado em um divan, esborcinado, de physionomia torva, olhos avermelhados e cabelleira rala e despenteada gritou:

— Vá! Despeja o pote e vae-te...

— Patrão. Apanhámos este menino, que ia de madrugada para a fabrica.

O homem ergueo-se a meio e repetio:

— Para a fabrica? Fazer o que?

— Diz elle que ia pedir ao coronel trabalho para o pai, que é o Jeremias, carpinteiro.

— E que tenho eu com isso?

— E' que pode ser elle o portador que nós estamos esperando...

— Qual!... Já revistaram esse diabo?

— Já, sim senhor... Só encontrámos este livrinho...


O **Ventania** entregou a Serapião a carteira do Julio, que o homem mirou, folheou e depois jogou para cima de uma mesa, repleta de objectos diversos.

— Vocês são umas bestas!... Deixa-me dormir, que é melhor!

— E o que se faz do pequeno?

— Tranca-o na dispensa até amanhã!...

E virou-se para a parede. **Ventania** arrastou Julio, que não poude deixar de olhar pezaroso a sua carteira, e levou-o pelo corredor afóra... O menino, ao sahir do quarto de Serapião, notou que o dia já despontára de todo e o sol illuminava a varanda, onde o cavallo de **Ventania**, impaciente, escarvava o chão, relinchando. O sacripante que o conduzia parou em frente de uma porta para abril-a.

Julio com um safanão inesperado desprendeo-se da mão que lhe segurava o braço e deitou a correr para a varanda. O **Ventania**, estupefacto, decidio-se á perseguição. Quando, porém, chegou á varanda, já Julio  um salto cavalgára o animal, e soltando-lhe as redeas e segurando-se ás crinas, batia com os calcanhares nas ilhargas do cavallo que, em galope desabrido, rompeo pela estrada em direcção á fabrica, cujas chaminés se avistavam ao longe, rebrilhando ao sol.

Ventania gritou para uns peões que accorriam, attrahidos pelo galope do animal:

— Segurem esse menino!

Na varanda surgio tambem o Serapião que gritava:

— Agarrem o pequeno... Morto ou vivo!...

Dois homens montaram rapidamente e atiraram-se pela estrada, em perseguição de Julio. Este, fóra do sellim, seguro ao pescoço do cavallo, deitado qua-

si, aguentava-se com firmeza e com a voz e os pés instigava a carreira de sua montaria.

Vendo que não o alcançavam, um dos homens, saccando de uma garrucha, visou, a correr, o menino e disparou. Mais outro tiro... e ainda outro soaram, mas o portão da fabrica já se achava perto; accorriam operarios e mulheres attrahidos pelos estampidos e os perseguidores desistiram do intento.

O cavallo só parou no pateo da fabrica, cercado pelos operarios, que retiraram de cima delle o menino, desmaiado e com a camisa empapada de sangue, que lhe corria de um ferimento no hombro.

Carregado para uma sala proxima foi Julio logo soccorrido pelo pharmaceutico da fabrica, que verificou não ter gravidade o ferimento: a bala passára de raspão. O coronel Rodovalho, prevenido, compareceu immediatamente, sendo inteirado do que occorrêra e da perseguição que o menino soffrêra...

Depois de curado e reanimado pelo pharmaceutico, Julio — cercado de carinhos pelo coronel — pode dar conta de sua missão, entregando a carta que elle havia occultado no cós da calça, onde não podia ser presentida a sua presença pela qualidade do papel que não offerecia volume algum ás pesquisas.

O coronel leu a missiva do dr. Silveira e virando-se para um operario ordenou:

— Toquem o sino grande! Todos no pateo d'aqui a 15 minutos!

O operario sahio a correr e logo se ouviram as badaladas sonoras do sino de rebate da fabrica. De todas as officinas, onde cessou o trabalho, os operarios vieram reunir-se no pateo amplo e batido do sol das dez horas. O coronel olhou para Julio que descansava, de olhos cerrados, depois para o pharmaceutico que esperava e disse, meneando a cabeça:

— **Seo Chico!** Este menino é um heróe! Acaba de praticar uma acção que muitos homens rejeitariam tentar...

VI

No pateo fervilhavam os commentarios de mi-lhar e meio de operarios... Os acontecimentos de ha pouco já estavam divulgados e todos aquelles homens esperavam ansiosos a communicação do seo Chefe e Patrão, a quem adoravam, pois antes do mais era o amigo e protector de todos elles.

Era esse homem que lhes proporcionava trabalho, e com o trabalho a casa para morar, o ganho diario, a vida a bom preço, medico e pharmacia, um verdadeiro pae para todos; adoravam-n'o portanto e era justificada a sua ansiedade em conhecer-lhe os desejos e cumprir suas ordens.

Por isso um longo murmurio acolheo a chegada do Coronel Rodovalho, que subindo a uma escada de abrir, dominou a multidão e com um só gesto da mão direita obteve profundo silencio.

— Meos amigos, o regulamento de nossa fabrica manda que todas as communicacões sejam feitas por boletim, mas tratando-se de um caso grave e urgente sou eu quem falta ao regulamento... Todos nós conhecemos quem é o Dr. Silveira, o medico humanitario que a todos acode sem indagar das posses de quem d'elle precisa...

— Sim! Sim! clamaram centenas de vozes. O Dr. Silveira! O Pae dos pobres!...

— Pois bem. O Dr. Silveira foi apresentado por diversos amigos para a eleiçãõ de um deputado, amanhã. Nunca me metti em politica, nunca perguntei qual de vocês era eleitor. Mas o dr. Silveira pede o meo auxilio... e sabeis contra quem? Quem é que o vae derrotar nas urnas?

— Quem! Quem é?

— E' o dr. Serapião!

Um silencio profundo acolheo a declaracão. De repente, como uma tempestade, rebentou o protesto vehemente. Braços se erguiam ameaçadores:

— Nunca! O usurario! Beberrão! Perseguidor dos pobres... Bandido! Assassino! Silencio! Escutem!...

O tumulto serenou a novo gesto do Coronel:

— E' o dr. Serapião com os seos eleitores comprados a tanto por cabeça! Com os seos processos de suborno e de terror... Agora mesmo acaba de prender e mandar atirar de garrucha sobre uma creança, o portador da carta do dr. Silveira!

— Cobarde! Infame!...

O coronel fez subir para junto d'elle, na escada, o Julinho ainda pallido e com a camisa manchada de sangue, envolvido o hombro em ataduras...

— Morra o bandido! Assassino de creanças! bradavam exaltados os operarios.

O menino agitou no ar a mão. O silencio se fez de chofre, impressionante.

— Nada de mortes! bradou a voz, de timbre infantil, de Julio. E' prohibido por Deus e pelos homens matar!

Como badaladas de Angelus soavam as palavras nitidas do menino.

— Querem uma desforra do Serapião? Querem acompanhar o sr. Coronel?

— Queremos! Fala gury! Viva o pequeno!

— Vão todos os que são eleitores amanhã cedo para a cidade e votem no dr. Silveira!

— Bravo! gritou o Coronel dando o signal dos applausos. E beijou o menino.

— Camaradas! continuou o patrão. Ha quinze annos que não tomo parte em eleições. Amanhã ás 10 horas estarei na praça da Matriz!

— E nós tambem! Viva o dr. Silveira! Viva o patrão!

A reunião se dissolveo lentamente. O Coronel conduzio, para sua residencia, o menino ao qual fez mudar de roupa e fornecer calçado, da Cooperativa

da fabrica, e obrigou-o a sentar-se á mesa do almoço, entre suas duas filhinhas e sua senhora.

VII

Durante o almoço o Coronel obteve de Julio toda a sua historia, sem omittir detalhe de especie alguma. Por fim uma observação fez o Julinho mudar de côr: disse-lhe o Coronel:

— Mas, como escoteiro que és, não devias faltar á verdade, dizendo que vinhas á fabrica por outro motivo...

— Como assim?

— Tiveste de inventar outro motivo que não fosse a entrega da carta, e que não era verdadeiro, logo...

— Mas quem disse ao Sr. que esse motivo não era verdadeiro?

— Então não contaste ainda tudo... Vamos! Qual foi o motivo verdadeiro que apresentaste?

Julinho, vexado, calou-se... mas depois, tomando a sua resolução, declarou:

— Era pedir ao Sr. Coronel occupação para papai, que, com certeza vae ser expulso da casa pelo Serapião...

— Teo pae sabe d'isso?

— Não senhor!... Eu é que resolvi...

— Pois resolveste bem! Eu me encarrego, não só de teo pae, como de ti e da tua irmanzinha...

O menino, porém, já não o ouvia. Cedendo ás emoções e á fadiga, o seo corpo oscillava e os olhos se lhe cerraram de vez...

— Este pobre pequeno está dormindo!...

E o bom do Coronel, erguendo-se, levantou nos braços o corpo do Julio, levando-o para um leito onde carinhosamente o despio, agasalhando-o. Em seguida disse para a esposa que o acompanhára...

— Que resistencia a deste menino!

E contando baixo:

— 4... e 4... 12... e 4... 24... 7... 31... Ha trinta e uma horas seguramente que o coitado, escravo de sua palavra, está supportando fadigas, sustos e privações!... Decididamente, minha querida, o escotismo é uma fabrica de energias!

No dia seguinte pela manhã, quando o pessoal do Serapião se dirigio para a Matriz, já encontrou perto de mil operarios, chefiados pelo Coronel Rodovalho, que os receberam de rosto carrancudo.

A' hora da eleição, inesperadamente para os mesarios, mil cento e vinte e cinco votos cahiam na urna com o nome do dr. Silveira, não tendo o Serapião, com o seo pessoal, siquer tentado perturbar o escrutinio.

A estrondosa derrota do malfazejo solicitador produziu-lhe uma apoplexia fulminante, e como não deixasse herdeiro, foi o Coronel Rodovalho, conhecido pela sua independencia e probidade, nomeado

inventariante; o que lhe permittiu reparar muitas injustiças e reconquistar a carteirinha do Julio.

O carpinteiro e sua filha estão empregados na residencia particular do Coronel: elle como encarregado de todo o mobiliario e de fazer... o que quizer; e a menina como companheira de licções e de brinquedos das duas filhinhas do industrial.

Quanto ao Julio, depois de uma demora de trez a quatro mezes na fabrica, onde auxiliou o seo instructor a organizar alli um numeroso grupo de escoteiros, por convite do Coronel Rodovalho, foi para a capital do Estado estudar em um instituto de educação, custeado em partes eguaes pelo Coronel e pelo dr. Silveira, que d'isso fez questão fechada.

Com a morte do Serapião, os faccinoras e vagabundos, seos protegidos, desertaram da localidade, que ainda hoje se conserva limpa de bandidos, graças ao escoteiro Julio, que tão bem soube pôr em pratica o artigo 1.º do seo Codigo.



ART. 2.º

“O escoteiro sabe obedecer. Comprehende que a disciplina é uma necessidade de interesse geral”.

I

O instructor Alexandre falava para os seos escoteiros, em semi-circulo á sua frente:

— O exercicio que vamos fazer põe em pratica diversos artigos do Codigo, como acontece geralmente; mas sobretudo o artigo 2º, que eu não preciso repetir. E' necessario que cada um de vocês se compeetre bem d'isso...

Todos os meninos, attentos ás palavras do instructor, procuravam aproveitar bem o sentido do que elle dizia. Um d'elles, entretanto, olhava distrahido uma nuvem que passava, encastellada e muito brilhante dos raios do sol, e lhe achava, na imaginação, a fórma de um camello. O instructor continuou:

— Trata-se de um exercicio de dupla acção. A nossa tropa, que se compõe de quatro patrulhas, vae ficar encarregada de vigiar a linha, que se estende desde o cabo do Peixe até a clareira do Cedro, com a incumbencia de não deixar passar nenhum mensa-

geiro, impedindo assim a communição da tropa dos Bem-te-vis com a tropa dos Corcorocas. Entram neste exercicio de conjuncto escoteiros de terra e do mar. Vocês vêm que é um exercicio importante!... linha, os Tubarões guardam a passagem do cabo por mar. Vocês vêm que é um exercicio importante!... Preste attenção, 35!

— Estou prestando... respondeu o menino que via camellos nas nuvens.

— A tropa que vencer o exercicio terá 500 pontos, que é o total necessario para conquistar o trophéo de fitas para o seo pavilhão. Portanto conto com vocês para ganharmos este primeiro premio do **ajury**. Si alguem precisa de mais explicações, pode falar.

— O que se deve fazer ao adversario que tentar atravessar a linha? perguntou um guia.

— Dizer-lhe: "**E' nullo!**", e elle deve immediatamente entregar o seo lenço e constituir-se prisioneiro.

— E si elle não quizer entregar o lenço? indagou outro menino.

— E porque não ha de querer, si é a regra do jogo? Só se fôr um indisciplinado. Não é escoteiro. Nesse caso toma-se bem nota d'elle, das suas feições, para reconhecê-lo depois...

— E deixa-se passar? disse um.

— Prende-se á força! declarou outro.

— Isso nunca! redarguiu o instructor. Cada um

assume a responsabilidade e as consequencias da sua indisciplina. Que passe e depois que se explique com os arbitros do jogo. Entenderam?

— Já entendemos.

— O exercicio começa ás 9 horas em ponto. São 8 ½, temos tempo de estender a linha. Cada um ficará no posto mais conveniente, espaçadas as sentinellas de 20 a 30 metros, conforme os accidentes do terreno. Os guias percorrerão os sectores. Podem ir!

— Quem dispõe os postos?

— O guia mais antigo.

— Então é você! disse o guia Alberto para o seo collega Felix.

Este assumio o commando com as palavras:

— Tropa! A' minha voz!... Seguir o chefe!

E a um de fundo os escoteiros se puzeram em marcha accelerada para o pequeno promontorio que, ao Norte, fechava a praia em que se passava esta scena.

O instructor vio-os afastarem-se; depois, subindo o declive da praia, internou-se na restinga alta que precedia a matta. Ia tranquillo e confiante na victoria de sua tropa.

O guia Felix dispoz os escoteiros em postos equidistantes, e a cada um que collocava repetia em resumo as explicações dadas pelo instructor. Chegando a vez do escoteiro, que vira o camello nas nuvens e

que se chamava Mario, este respondeu ao guia, interrompendo-lhe as explicações:

— Já sei! Já sei!... eu não sou surdo...

O guia encarou-o fixamente e sem dizer mais palavra seguiu adiante.

Mario ficou collocado sob uma arvore, em meio de uma macéga, já na zona da matta; e em vez de fazer, como devia e como os seus companheiros fizeram, o reconhecimento rapido dos arredores, orientando-se bem no seo posto, sentou-se e começou a brincar com as folhas seccas, afastando-as com um graveto, em caça ás formigas, que por alli se perdiam.

II

Às 9 horas em ponto soou longe um apito forte e prolongado: era o inicio do jogo. D'aquelle momento em diante deviam estar todos attentos, pois a cada instante podiam ser sorprendidos pela passagem rapida ou disfarçada de um adversario, forçando a linha. Uma vez transposta essa divisa, o mal era sem remedio e o numero de pontos decrescia na proporção das passagens effectuadas.

Decorreu um quarto de hora e á direita de Mario ouviu-se, de subito, a phrase convencionada:

— E' nullo!

Estava descoberto um adversario, que immediatamente entregou o seo lenço ao descobridor e sentou-se na linha, constituindo-se prisioneiro.

O guia Felix, uma vez iniciado o jogo, percorria lentamente os postos, verificando os prisioneiros. E o seo contentamento crescia pois a linha resistia e já quatro Bem-te-vis estavam prisioneiros. Chegando ao posto occupado por Mario, o guia vendo-o entredido com as formigas disse-lhe:

— Olha Mario! Não estragues o exercicio!

— Deixe estar!

— Deixe estar, não! Assim distraído não podes sorprendere ninguém... E' um posto fraquissimo o teu! Vigia bem... Cumpre a ordem que recebeste, Mario. . .

O menino ergueo-se, sacudiu as mãos para tirar a terra, e disse em tom aborrecido:

— Lá vem você com os sermões! Deixe estar que eu sei o que estou fazendo... Por aqui ninguém passa!

O guia seguiu seo caminho, meneando a cabeça, desconsolado, mas sem insistir. Mario, logo que elle se afastou, murmurou:

— Exercicio cacete! Até dá somno...

Depois erguendo o olhar para a arvore exclamou:

— Olá! Um cajazeiro... Vamos ver isso de perto.

E em dois minutos, tendo deixado no chão o chapéo, encarapitou-se no primeiro galho, de onde alcançou alguns fructos, que começou a colher e saborear.

De um lado, por um tufo de plantas, surdiu len-

tamente uma cabeça, cujos olhos brilhantes não se desviavam do vulto de Mario, entregue á sua gulodice.

Com movimentos quasi imperceptiveis o Bem-te-vi, ao qual aquelles olhos pertenciam, ageitou o corpo para a carreira, pois entre o tufo onde se occultára e o terreno além da linha havia um limpo de matto, onde a visão era fácil; e elle sabia que bastava um grito de — E' nullo! —, soltado por Mario, para que elle tivesse de se entregar.

Mario, porém, estava muito embebido na caçada aos cajás para que pudesse cumprir a sua missão; e, em dado momento, de um salto, o Bem-te-vi poz-se a descoberto no limpo e atravessou a linha, deixando cahir o seo chapéo — que era a prova de sua passagem — e occultou-se na macéga. Mario nada vio, mas o ruido das folhas pisadas pelo Bem-te-vi despertou-lhe a attenção e só então avistou em meio do limpo um chapéo, que não era o seo. Desceo rapidamente e verificou que o seo posto havia sido violado.

A principio ficou interdito com o chapéo do outro na mão. Depois, olhando para um e outro lado, encolheu os hombros e dispoz-se a occultar a prova de sua desidia.

Nesse afan foi sorprendido pelo guia, que refazia a sua ronda, em sentido inverso.

— Que chapéo é esse? interrogou Felix.

— Este é o meo.

— Não mintas, Mario! O teu chapéo está ao pé

da arvore. Foi forçado o seo posto!... Menos dez pontos para a nossa tropa! Eu bem te preveni. Espero que fique só nisto.

E o guia, desolado, seguiu na ronda, deixando o Mario perplexo com o chapéo do Bem-te-vi em punho.

— Tratante! resmungou o menino, jogando o chapéo no chão. Embaçou-me! Mas garanto que outro não passa!

Por alguns momentos o escoteiro ficou alerta, mas em breve se fatigou da expectativa e, encostando-se ao tronco do cajázeiro, resmungou:

— Já passou um... outro não passa. O raio não cahe duas vezes no mesmo lugar!

Atirou um olhar guloso aos cajás que amarelleciam a fronde da arvore. Depois começou a limpar as unhas com um gravetosinho.

III

Felix, continuando a sua inspecção, verificou que mais tres Bem-te-vis haviam sido aprisionados, o que lhe compensou a desillusão com a passagem do posto do Mario. Ia proseguir quando um ruido de lucta, a tres postos á retaguarda, o fez retroceder correndo. No posto de Mario, deparou-se-lhe então um espetaculo, que o encheo de tristeza.

Mario, atracado com um Bem-te-vi, rolava pelo chão, em lucta corporal. De um salto o guia cahio sobre o grupo e violentamente separou os combatentes.

— Que é isto?

Os dois meninos estavam á sua frente olhando-se torvamente, ambos com as roupas em desalinho, os cabellos desordenados e as faces incendidas e agata-nhadas. Nas mãos do Bem-te-vi estava o cinto de Mario, e nas deste o lenço do Bem-te-vi.

— Foi elle! exclamou este apontando Mario. Foi elle que me aggreodio... Eu me defendi!

— Eu não aggreidi! contestou Mario. Elle é que se recusou a entregar o lenço...

— Retire-se para o primeiro posto á retaguarda e espere-me lá! ordenou o guia.

O menino resmungando e concertando os cabellos, ainda resfolegante da lucta, afastou-se e Felix ficou só com o Bem-te-vi.

— Porque não quizeste entregar o lenço? perguntou elle.

— **Seo** guia, elle não cumprio o jogo.

— Como assim?

— Eu vinha me esgueirando para passar, quando elle estava distrahido, encostado na arvore e limpando as unhas. Elle me vio e em vez de gritar: "E' nullo!", saltou em cima de mim, para me tirar o lenço á força, gritando: D'esta vez vocês me pagam! Eu então me defendi!...

— Espera-me aqui.

— Sim, senhor.

E o Bem-te-vi começou a recompôr o vestuario, enquanto o guia se encaminhava para o outro posto

onde estava Mario com as feições ainda contrahidas á sua espera.

— Conta-me como se passou o facto! disse o guia ao menino.

— Foi assim: eu estava encostado á arvore, vigiando...

— ... e limpando as unhas...

Mario mordeu os labios e continuou:

— ...quando vi o... o escoteiro que queria passar. Eu, então, gritei: "E' nullo!" Mas elle não quiz entregar o lenço.

— Devias tomar nota delle e deixal-o passar. Nunca segural-o. Era a ordem!

— Mas elle me chamou de bôbo!

— Não é verdade! Como não é verdade que tenhas gritado: "E' nullo!"

— Disse...

— O que tu disseste foi: D'esta vez vocês me pagam! E quizeste tirar á força o lenço do Bem-te-vi...

— E tirei! Está aqui!

— Tens o lenço, mas elle tem o teo cinto. Prova material da lucta. Por justiça devo considerar forçado o teo posto pela segunda vez!

Mario baixou a cabeça. O guia continuou:

— Desobedeceste, infringindo a disciplina. Nos fazes perder o jogo, e talvez aconteça cousa peor! Reflecte e fica aqui. Dá-me esse lenço... Vou tomar conta do teo posto, já que não sabes cumprir o teo dever!

Com estas palavras o guia Felix voltou ao lugar da lucta, encontrando o Bem-te-vi, sentado, á sua espera.

— Pódes passar! disse-lhe o guia. O posto foi considerado forçado.

— Não passo. A verdade é que eu fui descoberto.

— Mas não entregaste o lenço...

— Porque não recebi a intimação de nullo!

— Mas o lenço foi tomado...

— E eu fiquei com o cinto d'elle...

— Faze como entenderes. Si passares, o ponto não nos será contado, porque eu te restituo o lenço. E tambem não será contado, si ficares, porque não temos o lenço que eu te entrego, em troca do cinto.

— Aqui está o cinto. Mas fique com o lenço; eu o entrego agora.

— E's generoso como um verdadeiro escoteiro. Completa a tua generosidade...

O Bem-te-vi olhou, com um sorriso, para o guia e respondeo:

— Por mim... Mas não sei si elle quer...

— Vamos vêr.

O guia foi buscar Mario, que collocou, sem dizer palavra, em frente do Bem-te-vi.

— Aqui está o teu cinto! disse este.

Mario recolheo o cinto que collocou no lugar proprio. O outro continuou:

— E aqui está o lenço. Sou teu prisioneiro.

Mario olhou para o Bem-te-vi que sorria.

— Toma o lenço e dá-me um abraço! Somos irmãos, não é?

Mario comprehendeo e sentio que os olhos se lhe enchiam de lagrimas. Comparou a generosidade do outro escoteiro com a sua indisciplina, mas sentio-se perdoado. Recebeo o lenço e lançou-o ao pescoço do Bem-te-vi; e abraçando o collega, disse:

— Perdôa-me. Fui bruto e não soube obedecer!

Depois, afastando-se um pouco, fez-lhe a saudação escoteira e concluiu:

— Podes passar!

Nesse momento ouvio-se uma explosão de dynamite que marcava o fim do exercicio.

— Agora mesmo é que eu não passo! exclamou rindo-se o Bem-te-vi.

O guia levou á bocca o apito e por tres vezes o fez silvar. Ordem para recolher os postos.

Em breve surdiam na praia os escoteiros d'aquella tropa, conduzindo onze Bem-te-vis aprisionados. De outro lado vinham tambem chegando as outras tropas, até que em menos de meia hora estavam reunidos todos os escoteiros que haviam tomado parte no exercicio. Os arbitros ouviram o relatorio succinto dos chefes e decidiram annullar todo o exercicio pelas irregularidades havidas na tropa dos Corcoracas. Recebiam menção honrosa os Tubarões, os Bem-te-vis e os Pica-paus.

— Vocês viram que a nullidade não partio de

nós, commentou o guia Felix. Entretanto, si não fosse essa nullidade dos Corcorocas, talvez todo o jogo estivesse comprometido, para nós, pela indisciplina de um dos nossos escoteiros, que em vez de obedecer ás ordens recebidas, entendeo fazer o que bem quiz. E' de crêr que a licção lhe tenha aproveitado e, por isso, não lhe declaro o nome.

— Mas declaro eu! exclamou o Mario. E si não fui mais culpado ainda, é porque fui perdoado por este Bem-te-vi, que me deo uma licção de generosidade.

E abraçando o Bem-te-vi, continuou:

— Mas prometto que, de agora em diante, saberei obedecer pois comprehendí que da disciplina de um só depende, ás vezes, o successo de toda a tropa!

Depois, fazendo uma careta aos companheiros, Mario terminou alegremente:

— Falei bem e não cuspi! Ninguem applaude?

O guia Felix, satisfeito, deo o signal para uma salva de palmas, que encerrou o **gosmado** do Pica-pau Mario.



ART. 3.º

“O escoteiro é um homem de iniciativa.”

I

Sentado n'um recanto da barreira, á margem do caminho estreito que margeava a linha ferrea da Central, com as pernas penduradas em balouço, gola aberta, chapéo derreado para a nuca, o menino, que revestia um uniforme escoteiro, fazia tranquillamente a sua refeição da manhã. Seriam onze horas e o sol, já escaudante, presagiava possivel tormenta; sobre a serra da Mantiqueira grandes rôlos de nuvens pardacentas se amontoavam. Um espinheiro bravio amparava com a sua sombra falhada o escoteiro, que almoçava. Em todo o redor estendiam-se os campos, crestados do verão a pino e, no ar, se espalhava o cheiro caracteristico das hervas chamuscadas da soalheira e do capim melado, que rescendia a forragem.

Ao longe, em baixo, no valle, que parecia estender-se até ao sopé da serra, pastavam vagarosos bois isolados, pondo manchas coloridas e movediças, no pardo uniforme d'aquelles geraes.

Sobre o arame farpado da cerca da estrada um

bando de tico-ticos executava uma série de vôos acrobaticos, n'uma chilreada incessante. Perto do menino, em uma touceira de capim, um camaleão, papo inchado, quedava-se de bocca escancarada á tocaia de mosquitos.

Emquanto mastigava com vagar, conforme os preceitos hygienicos, o escoteiro reflectia sobre a incumbencia de que tinha sido encarregado.

Tratava-se de transmittir uma ordem de regresso, em forma de mensagem secreta, a um grupo de escoteiros, que effectuava um exercicio, do outro lado da via-ferrea, e que havia perdido as communições com a séde, onde se achava o director tecnico. Era preciso, portanto, descobrir o paradeiro desse grupo e communicar-lhe a ordem de que aquelle escoteiro era portador.

Havia já 22 horas que elle deixára a séde, com a simples indicação dada pelo grupo, ao partir: **directão geral, su-sudoeste**. Nesse rumo vinha seguindo o escoteiro; dormira em um rancho, á beira da estrada, puzera-se de novo em marcha, de manhã cedinho; e agora alli estava ainda sem noticias dos companheiros.

Luiz, que assim se chamava o menino, apparentava 14 annos no maximo e era bem constituido physica e moralmente. Tendo terminado a refeição, guardou cuidadosamente as sobras e, tomando o seo cantil, bebeo alguns goles de agoa levemente acidulada. Em seguida ergueo-se, retezou os musculos e só então reparou na ameaça da proxima borrasca. As nuvens

se haviam alastrado pelo céu, clarões fulvos irrompiam da massa de plumbeos vapores e o ruido longinquo de rolar de pesados carros reboava de continuo.

Dos campos, já cobertos de sombra, o gado retirava, mugindo lamentavelmente, em busca de abrigo. Luiz pensou tambem em se refugiar da tormenta. Revestio rapidamente o equipamento e lançando mão do seo bastão ferrado desceu da elevação em que estava e, transpondo com facilidade a cerca de arame, desandou um pouco o caminho, em demanda do viaducto — ponte de ferro — que deixára para traz e perto do qual se lembrava de ter visto, no corte da barreira, uma dessa guaritas abertas no barro pelos trabalhadores da linha.

Já ribombava francamente o trovão, a atmospherica era asphyxiante e a natureza inteira, plantas e animaes, se aquietára no silencio e na tranquillidade, que precedem sempre as grandes convulsões meteoricas, quando o menino alcançou o reducto que procurava, na curva que faziam os trilhos, a uns 250 metros apenas da cabeça da ponte metallica que vadeava o rio.

Luiz recolheu no abrigo o seu equipamento, deixando um cantinho para si, e sahindo á linha lembrou-se de participar á séde o impedimento que o ia retardar na viagem. Subio ligeiramente a um dos postes de telegrapho da estrada, tirou do bolso um minuscuro apparelho telephonico portatil, ligou-o ao fio e deo o signal de chamada. Logo se estabeleceo o dialogo

com o plantão do grupo que ficára na estação da próxima cidade:

— Quem fala?

— Escoteiro Luiz. E ahí?

— Guia Alvaro, plantão em serviço. Que ha?

— Estou no kilometro 357. Cabeça da ponte nº 7, abrigado contra tempestade. Nenhum signal do grupo em serviço. Espero amainar tempestade para seguir. Communique ao chefe.

— Estou sciente! respondeo outra voz no apparelho: a voz do chefe. Luiz, ainda tens viveres?

— Tenho para duas refeições.

— Bem. Si até á noite não tiveres noticias, volta de nocturno, sabes? Tens dinheiro?

— Algum.

— Si não chegar para a passagem, embarca que paga-se aqui.

— Sim... eu... vou...

.....

O chefe, na estação, ouviu ainda um ruido confuso, depois um grande estrondo e mais nada. Que teria acontecido?

— A comunicação foi interrompida violentamente, disse elle para o telegraphista da estação. Alguma cousa de anormal succedeo. A voz de Luiz era angustiosa e entrecortada. Quem sabe si seria prudente ir em soccorro d'elle?

— Com a tempestade que se annuncia e já deve ter desabado por lá, é muito difficil alcançar o kilometro 357... Atravessar a ponte de 60 metros com temporal!... Tem o que se lhe diga...

— O sr. não poderia fazer seguir o trolly? perguntou o chefe escoteiro ao agente da estação.

— O trolly é de serviço especial do engenheiro; e a linha não é dupla. D'aqui a uma hora mais ou menos deve passar na ponte o S. P. 2 e o desastre seria inevitavel.

— Eu devia ter enviado dois escoteiros. Um animava o outro!

E nessa conversa entrecortada se empenharam os dois homens durante uns 15 minutos, quando o apparelho telegraphico fez a chamada da estação proxima, a hora e meia de marcha, pedindo licença para a sahida do S. P. 2. A licença foi concedida. Minutos, porém, haviam passado quando o plantão de escoteiros, que conservara o capacete aos ouvidos, disse:

— Comunicação urgente. Luiz pede que não deem licença para descer trem algum... Hein?... Ah! A ponte ruio!... com um raio... E' preciso impedir. oh! Allô! Luiz! Allô!... Cortaram a comunicação.

Já o agente da estação aterrado se precipitára para o apparelho telegraphico e batia desesperadamente a chamada para a estação de partida.

O apparelho funcionou rapido. A fita desenrohou-se e o agente que lia a resposta exprimio nas feições transtornadas um terror intenso:

— O trem partio, e vem atrazado!... Não ha meio de evitar o desastre!

E arreplava os cabellos.

— O trolly! lembrou o chefe de escoteiros.

— Não alcança a ponte a tempo. O trem não pode evitar a cabeça da ponte que começa em curva! Vou já pedir o trem de soccorro para Barra!

E precipitou-se para o apparelho..

O chefe de escoteiros, com um olhar significativo para o ajudante da estação, que o acompanhou, sahio a correr, dizendo para o plantão:

— Não largues o phone!

II

O chefe escoteiro, seguido pelo ajudante da estação, a quem elle ia falando pelo caminho, se dirigio a correr para um galpão proximo e d'ahi a poucos minutos passava pela frente da estação em velocidade crescente o trolly a gazolina onde iam os dois moços, com os chapéos calcados sobre os olhos e as golas dos paletós erguidas, pois já cahiam as primeiras bâtegas de agoa do temporal.

— Não haverá outro caminho para transpôr o rio sem ser pelo viaducto? perguntou o chefe, pon-do o trolly em nove pontos de velocidade.

— Ha! Ao lado, em baixo, a ponte antiga de madeira, que ainda está bem conservada . . . mas... não tem corrimões nem balaustrada...

— Não faz mal!

— E' que as agoas do rio hão de ter crescido e a passagem é perigosa...

— Quem não arrisca... Passaremos de gatinhas, si fôr preciso.

Na corrida desembalada em que ia o trolly chegaram em breve á vista da ponte, cuja estructura metallica se distinguia ao longe. Mais doze minutos e o carro, freiado, estacava a poucos metros da ponte.

Partido ao meio pela acção destruidora de um raio, o viaducto parecia cortado em secção transversal, e deixava pender lamentavelmente para o rio, cujas agoas encachoeiradas e lamacentas rugiam ameaçadoras, varões e vigas de ferro, emmaranhados e retorcidos, apparecendo no ar, sem ponto de apoio, os dois trilhos de aço, que, num percurso de 25 metros, ligavam, em vão aberto, os dois trechos da linha.

A chuva amainára e ao longe reboavam ainda surdamente trovões, da tormenta que por alli passára, torcendo galhos, desenraizando arvores e avolumando a torrente do rio, cujo nivel alcançava já o taboleiro da ponte da madeira.

Para além do viaducto, entre os dois córtes de barreira, nada mais se via do que a curva dos trilhos que contornava o talude.

— Será possível que o S. P. 2 ainda não tenha chegado aqui?

— Talvez o transito esteja impedido mais para deante.

— De qualquer modo, vamos passar!

E os dois moços, abandonando o trolly, resvalaram pelo declive do aterro para alcançar a ponte de madeira. A passagem era, de facto, perigosa, mas cheios de ardor juvenil, os dois rapazes, já encharcados da chuva, não se temeram de algum banho forçado nas agoas barrentas que, já em cachões, passavam por cima da ponte.

— E' uma temeridade o que vamos fazer! ponderou o ajudante do agente.

— Concordo. Mas do outro lado está uma creança, talvez esperando o nosso socorro!

— Vamos com Deus! bradou o ajudante.

E foi o primeiro a pisar o taboleiro da ponte. Caminharam agachados, agarrados ás travessas oscillantes do madeiramento, com os pés, os joelhos e as mãos, dentro da agoa.

Alcançaram enfim a outra margem do rio, que escalaram, e precipitaram-se pela linha sobre os dormentes descobertos, pois a tormenta arrastára todo o lastro do leito. Pouco adiante da curva, o chefe avistou á direita a guarita onde Luiz guardára o equipamento, que ainda lá estava todo molhado; mas do menino, nem signal!

— Está perdido! exclamou o moço desorientado. Arrastado talvez para o rio pela enxurrada...

— Será possível?! accrescentou o ajudante. E o trem que não apparece?!

— Vamos adiante!

Os dois moços continuaram a corrida para a frente, ora escorregando, ora tropeçando... e afinal, vencendo a curva, quasi em fórma de S, a que grande móle de pedra obrigára o traçado da linha, surdiram em frente á recta immensa, que se lhe seguia e se estendia por oito ou dez kilometros para o horizonte.

Um grito de surpresa escapou-se dos labios dos dois moços. A dois kilometros, além, dentro de um halo fantastico no meio de uma moldura feita por um arco-iris fulgurante, o comboio estacionava, á frente a possante locomotiva que soltava rôlos de fumaça, cercada por um grupo numeroso de pessoas que se agitavam e gesticulavam!

III

Em uma carreira, que transpunha todos os obstáculos, os dois moços chegaram ao grupo que se compunha de passageiros e empregados do trem, no meio dos quaes se viam tambem meninos com uniformes escoteiros.

— Luiz? indagou afflicto o chefe do primeiro menino que encontrou.

— Está salvo! No terceiro wagon com o nosso chefe. Estão lhe fazendo um curativo ligeiro...

— Ferido?

— Pouca cousa...

Emquanto o ajudante do agente se entendia com o chefe do trem, os escoteiros conduziram o gra-

duado para o wagon, onde Luiz, já pensado na testa, nos joelhos e nas mãos, repousava sorrindo, e cercado de collegas e de um passageiro, medico, e duas senhoras, que o animavam.

O chefe encarou o menino e sem dizer palavra, n'uma subita intuição do succedido, curvou-se, beijando o escoteiro na fronte, envolvida em ataduras, dizendo-lhe:

— Já sei. Cumpriste o teu dever...

— Como outro qualquer teria feito! respondeu o menino com singeleza.

— Devemos todos a vida a este menino! affirmou o medico.

— Si não fosse elle estariamos, a esta hora, no rio ou debaixo do trem!... secundou uma das senhoras.

— E' preciso agora deixal-o repousar. Dei-lhe uma poção, que preparei aqui mesmo com a ambulancia dos escoteiros, e vae dormir um pouco...

— A cama está feita! declarou um escoteiro.

De dois bancos confrontantes e uma mala, haviam os collegas de Luiz improvisado um leito, que as senhoras forraram com os seus mantos e pelles, e para onde o medico e o chefe transportaram o menino com muita precaução. Luiz já tinha os olhos cerrados por effeito da poção opiada que lhe dera o medico, e o wagon foi completamente esvasiado, ficando de guarda um escoteiro em cada portinhola.

Emquanto esperavam o trem de socorro pedido

para a retaguarda, pelo aparelho telephónico portátil dos escoteiros, que viajavam de volta, no trem, o medico narrou ao chefe, todo o acontecido, de que fôra testemunha. Eis a narrativa, mais tarde completada pelo menino, depois de restabelecido:

“Quando, depois de estabelecida a ligação telephonica, Luiz falava com o guia de plantão, sentira que o poste se desviava da vertical, e, combalido pela torrente de chuva, tombára sobre os trilhos, rompendo a linha e trazendo na queda o menino, que felizmente nada soffreu. Erguendo-se, Luiz procurou reatar a comunicação, mas nesse instante um clarão livido cegou o escoteiro, jogando-o de encontro á barreira do corte com violencia. Um estrondo formidavel se ouviu. Quando abriu os olhos Luiz verificou que escapára de ser fulminado; felizmente a faísca electrica, attrahida pela massa metallica da ponte, precipitára-se sobre o viaducto, cortando-o ao meio, e torcendo vigas e vergas de aço como si fossem de palha. A chuva augmentára, o vento e trovões successivos atordoaram Luiz, que cambaleava; mas reagindo, num grande esforço, o menino pensou no meio de communicar-se com a estação proxima. Ligou de novo as duas pontas do fio, restabelecendo o circuito e conseguiu falar, pedindo que negassem licença aos trens que a pedissem, pois o viaducto desabára.

“A queda subita de outro poste tornou a interromper a comunicação. A Luiz pareceu então que os seus pés vibravam... estava com ambos assentes

sobre um trilho. Deitou-se rapidamente, collocou o ouvido ao trilho e percebeo não só a trepidação como o ruído característico de um comboio, que se approximava em grande velocidade!

“Ergueo-se horrorizado e deitou a correr ao encontro do trem, sob as rajadas de chuva, que o cegavam e faziam tropeçar e cahir por diversas vezes. Assim escoriou as mãos e os joelhos, que vertiam sangue.

“Um kilometro, mais alguns metros e o ruído, que augmentava, corporisou-se no vulto imponente da locomotiva, que surdia na neblina da agoa...

“Luiz sem cessar de correr, desatou o lenço vermelho do pescoço, agitando-o sobre a cabeça e transformando-o em bandeira de signal. Sentia já o resfolegar da locomotiva, que vencia o espaço, em marcha reduzida felizmente pela prudencia do respectivo machinista.

“De subito ouviu-se um sibillo fortissimo, chiaram freios, estalaram molas e um jacto de vapor branco silvou sob a locomotiva. O trem com todos os freios apertados e valvulas abertas veio estacar, bufando, a tres metros de Luiz, que levado pelo impulso da carreira, cahio sobre o limpa trilhos, ferindo-se na frente e perdendo os sentidos. O machinista vira o signal vermelho do lenço do escoteiro!”

IV

O machinista, foguista e o chefe do trem salta-

ram immediatamente e vieram soccorrer o menino. Logo cercado por diversos passageiros, Luiz foi conduzido para o trem, onde os companheiros de escotismo o reconheceram, e declararam a sua identidade. Logo examinado pelo medico que viajava no trem, Luiz abriu os olhos e balbuciou:

— Viaducto cahio... raio... linha interrompida!
E tornou a desfallecer.

— Este menino, concluiu o medico em uma roda de passageiros, dispendeo uma somma de energia tal, que um homem forte facilmente seria por ella abatido. E' admiravel que no meio de uma tormenta como a que nos assaltou, elle tenha tido outra lembrança que não fosse a da propria segurança individual. Foi de uma iniciativa extraordinaria, de uma lucidez de espirito e rapidez de decisão que só se encontram reunidas em cerebros muito bem organisados de grandes estrategistas, e capitães de nomeada, quando em meio de batalhas encarniçadas, concebem e realisam planos que produzem victorias! Merece bem um premio do Governo quem assim arrisca a sua vida para salvar a de trezentas pessoas!

— E ha de tel-o, Dr. Por isso me responsabiliso eu, em nome do Governo!

— Oh! meo caro amigo!

E os dois homens, que assim se reconheciam

eram, nada mais nada menos, do que um Senador Federal e o Ministro da Viação, que, por um accaso, eram passageiros daquelle trem.

— Terá a medalha de 1.^a classe! continuou o Ministro. É de facto um menino extraordinario!

— O Sr. Ministro da Viação me ha de perdoar... interveio o chefe de escoteiros, que tudo ouvira. Sem querer diminuir o merito do meo irmão escoteiro, Luiz, posso garantir que é um acto ordinario da nossa Lei, e que dos trinta e seis escoteiros que aqui estão agora, trinta e cinco fariam a mesma cousa!

— É porque exclue um, sr. chefe escoteiro? perguntou o Ministro sorrindo.

— Por modestia, sr. dr. Esse um sou eu.

— Bravo! Mas afinal, a que é que se deve todo esse bello espirito de sacrificio?

— Ao escotismo, sr. Ministro. E' elle que no artigo 3.^o do nosso Codigo, que é a nossa Lei, declara: "**O escoteiro é um homem de iniciativa.**" O Luiz não podia, como bom escoteiro, que o é, ficar inactivo. Cumprio o seo dever... e o dever do escoteiro é sempre cumprido, mesmo com o sacrificio da vida!

Um^a salva de palmas acolheo a declaração do chefe.

— Seja como fôr, o menino é um heróe!

Ouvio-se um mugido profundo, ao longe. No horizonte, para traz do trem estacionado, elevou-se um pennach^o de fumo negro. Era o trem de soccorro, que chegava chamado pelos escoteiros.

ART. 4.^o

"O escoteiro acceita, em todas as circunstancias, a responsabilidade dos seus actos".

I

Zézé, filho unico do capitão Rosario, era um gury de 10 annos, esperto e palrador, de desenvolvimento normal e, no grupo de escoteiros de que fazia parte, tinha a seguinte ficha:

"— José Rosario — 10 annos — filho do capitão Antonio Rosario — Tez clara, olhos negros, cabellos castanhos, — natural de Niteroy. Altura, 1m18; thorax: 0m,64; peso: 31 kilos; braça: 1m,21; palmo: 0m,18; pé: 0m,21; indice vital: 50. Passos em 10 metros: 17. Vista: optima; ouvido: optimo; tacto: perfeito; olfacto: optimo — Noviço, prestou compromisso em.....; genio: alegre — propensão para desenho e musica."

Frequentava o Zézé uma escola publica primaria onde era tambem alumno distincto. Sempre limpinho, trazia tambem cuidados seus livros e seo equipamento de escoteiro. Respeitoso para todos, jovial com os companheiros, obediente, diligente, seria Zézé a

nata dos meninos si não tivesse um defeito — unico que se lhe podia apontar: — o de ser timido ou medroso; e de tal fórma que, na previsão constante de uma advertencia ou de um castigo, procurava sempre attribuir aos outros os actos que elle praticava ou as phrases que proferia, sem a intenção comtudo de prejudicar ou intrigar os companheiros. Simples timidez ou receio.

Seo instructor, rapaz de 19 annos, escoteiro completo, que o estimava pelas suas reaes qualidades, lutava constantemente para fazel-o perder aquelle defeito, não o tendo conseguido ainda. Quando advertido particularmente, o menino procurava defender-se, mas apertado terminava por chorar e promettia não repetir o que fizera, mas na primeira occasião — era fatal! — fugia á responsabilidade, naturalmente, como si estivesse praticando uma bôa acção. Por esse motivo os seus companheiros o traziam sempre de prevenção e pouco credito ligavam ás suas affirmativas ou denegações. Quando succedia que alguém, um escoteiro ou mesmo o instructor, perguntava:

— Quem disse, ou quem fez isto ou aquillo?

Surdia, rapida, a resposta de dois ou trez.

— O Zézé, com certeza, não foi!

E elle, si ouvia a pilheria, affirmava logo:

— E não fui eu, mesmo! — Muito embora tivesse sido elle.

Esse defeito do menino era conhecido tambem

em casa, onde o capitão Rosario costumava dizer ao instructor Lobo, com quem palestrava a meudo:

— No dia em que o senhor conseguir acabar com o defeito do Zézé, eu acreditarei na efficacia do escotismo.

E chamava o instructor de sonhador, utopista, affirmando que o **tal de escotismo**, só servia como auxiliar da educação physica dos meninos, porque methodizava as artes e as estrepolias.

Por isso, em uma excursão que por aquelles dias se realisára, o instructor apanhando o Zézé a geito, depois de ter o menino reincidido ainda uma vez no seo grave defeito, lhe disse, tomando-o á parte:

— Zézé, eu cada dia fico mais desenganado com você! E' o unico escoteiro, dos 37 que eu dirijo, que não quer comprehender que, fugir á responsabilidade dos proprios actos, é uma deslealdade, é mesmo uma covardia, e em certos casos, quando envolve a responsabilidade de outras pessoas innocentes é quasi um crime! Porque você não se emenda?

O menino, de cabeça baixa, não respondeo. O instructor continuou:

— Você não vê que assim ninguem mais o toma a sério? Que ninguem confia nem acredita em você? Que você compromette seus companheiros que já começam a fugir da sua companhia?

E como Zézé continuasse calado, de cabeça baixa, o moço levantou-lhe a cabeça segurando-a pelo

queixo e verificou então que o menino chorava silenciosamente.

Então, segurando-o pelos hombros, e passando-lhe a mão pelos cabellos, Lobo lhe disse:

— Não chore, Zézé! Você vae me prometter aqui, especialmente, que de hoje em diante será leal, sincero e que nunca mais fugirá á responsabilidade dos seus actos... Não é, Zézé?

O menino enxugou os olhos com a manga e respondeu ao gesto. Vá!

— Prometto.

— Aceito a sua promessa! respondeu simplesmente Lobo estendendo a mão ao menino que correspondeo ao gesto. Vae!

II

Na cidade, em que se passou a historia real, que estamos contando, existiam bondes electricos que cruzavam em varias direcções as ruas e praças principais. Entre ellas, pela configuração do terreno, havia uma ladeira bastante ingreme, a ladeira do Mirante, que, embora o seu grande declive, era trafejada por uma linha de bondes. E como era estreita a rua em ladeira, a linha não era dupla; e para evitar desastres haviam sido adoptadas disposições especiais.

Assim o bonde que descia a ladeira, fazia-o sem corrente no motor, apenas freiado; e para garantia

da linha transversal, que na base da ladeira, cortava a outra linha, havia sido construido um desvio morto, por onde seguiam os carros, que demandassem a estação de deposito dos bondes. A chave desse desvio ficava sempre fechada, e só era aberta pelos motorneiros, quando iam recolher os carros.

Nas proximidades do local residiam diversos escoteiros do grupo do Zézé; elle, porém, tinha a sua residencia no cimo da ladeira, em rua transversal, mas costumava descer, para brincar com os companheiros, nas immediações da linha morta.

Em certa tarde Zézé, que se dirigia para casa a uniformisar-se para a reunião da noite, na séde do grupo, ao passar pelo desvio, lembrou-se de fazer uma pilheria ao motorneiro, que teria de parar o carro, e abriu a chave.

O menino fez aquillo sem a minima intenção má, apenas por travesura; e indo para casa nem mais se lembrou do que se passára e do que fizera.

A' noite, quando já reunidos na séde o instructor e os meninos, ia' ser dado inicio aos trabalhos, a voz de um garoto apregoou na rua os vespertinos:

— **O Pharol! A Sentinella!** O grande desastre da ladeira do Mirante! Mortes e ferimentos!

O instructor, chegando á porta, comprou um jornal, e poz-se a lér a noticia, ouvido pelos escoteiros em semi-circulo, como usavam fazer.

— "Um bonde sem governo. Horrivel desastre. Esta tarde, um bonde que descia a ladeira do Mi-

rante perdeu o governo, por se ter partido o freio e despenhou-se pelo declive, causando extraordinario panico aos passageiros. Ao chegar no fim da ladeira, despontou na linha transversal, outro bonde, que atravessava. O desastre foi horrivel. Em 2.^a edição daremos outros pormenores, pois estas simples notas são rabiscadas com a terceira pagina no prélo.”

— Que horror! clamaram varios meninos impressionados.

Os escoteiros entre-olharam-se e começaram a trocar impressões em voz baixa, até que o apito de Lobo os alinhou rapidamente para o exercicio.

O instructor percorreo com o olhar a fileira de meninos e notou a attitude estranha de Zézé, que, em contrario ao seo costume, estava de feições contrahidas e cabisbaixo.

— Estás doente Zézé?

— Não senhor! respondeo o menino rectificando a posição e erguendo a cabeça.

— O Zézé está se preparando para dizer que não foi elle!... sussurrou um a meia voz.

A pilheria correo rapida a fileira provocando sorrisos e cochichos.

— Senti...do! ordenou o instructor.

E a linha se immobilisou correctamente. Começou a recitação do Codigo.

III

A' porta da séde ouviram-se palmas, pedindo permissão para entrada. Lobo foi á porta e achou-se em presença de um senhor, typo de estrangeiro, que delicadamente perguntou:

— Dá-me permissão?

— Pois não! Faça o obsequio de entrar e dizer o que pretende.

— Eu sou o Gerente da Companhia de Bondes Electricos, disse o homem entrando, de chapéo na mão, e aqui vim por causa do que aconteceu na ladeira do Mirante.

— Não comprehendo... O que temos nós que vêr com esse desastre?

— Têm muito! respondeo o visitante com um sorriso enigmatico. Têm muito até. Eu vou explicar...

Cómo a scena se passava em plena sala de exercicios, os escoteiros em fóрма não perdiam uma palavra do que se dizia. O estrangeiro continuou:

— A linha que desce a ladeira tem uma chave que dá entrada para o desvio morto do deposito de carros, e que está sempre fechada. Hoje na hora em que o carro sem governo desceo a ladeira... o senhor já leo no jornal, não?

— Já li!

— Pois bem! A essa hora a chave estava aberta. Quem abriu a chave? E' isso que eu venho saber.

— Como posso eu informal-o? indagou Lobo sorprendido.

— Eu explico. Vim aqui porque sei que foi um menino que abriu a chave, poucos minutos antes do caso... Nas visinhanças me informaram que esse menino pertence a um grupo de escoteiros d'aquí perto. Preciso saber qual foi.

Um fremito de pavor percorreu a fileira de escoteiros. Pela mente do instructor passou num relampago a visão terrível de um escoteiro do seo grupo, abrindo a chave e causando assim o desastre do bonde desgovernado... Cena sangrenta! É a responsabilidade moral que desse menino se reflectia sobre o grupo, que era a menina dos seus olhos. Qual seria esse escoteiro? Foi balbuciando que Lobo disse ao gerente:

— E para que quer o senhor saber?

— Ora! É' a minha obrigação apurar tudo o que se relaciona com o caso. É' melhor do que vir a policia...

Lobo estremeceu, mas revestindo-se de sangue frio voltou-se para a fileira de meninos immoveis e perguntou em voz firme:

— Quem foi que abriu a chave da ladeira?

Seguiu-se um silencio impressionante. O gerente sorria, interessado. De subito uma voz firme e decidida falou:

— Quem abriu a chave do desvio fui eu!

Um murmúrio de espanto se fez ouvir. Fôra Zézé que falára.

— Um passo á frente! ordenou Lobo.

O menino destacou-se da fileira, com a garganta secca, os olhos brilhantes e a bocca entreaberta como si lhe faltasse o ar.

— Lamento profundamente, disse o instructor em voz lenta e grave, enquanto os escoteiros baixavam a cabeça contristados. Lamento profundamente que a primeira occasião em que você, cumprindo o seo dever, assume deliberadamente a responsabilidade de seus actos, seja obrigado a fazel-o para se declarar culpado de uma leviandade — não creio que fosse uma maldade — da qual resultou tamanho desastre que veio fazer mortos e feridos, levando...

— Tá! Tá! Tá! interrompeo o gerente. Páre homem! Não diga tolices!... Oh, perdôe, mas...

E dirigindo-se para Zézé, petrificado:

— Eu quero abraçar este menino e premial-o em nome da Companhia!

E suspendendo o menino no ar, o gerente beijou-o nas faces, abraçando-o apertadamente, com espanto indescriptivel do Lobo e dos escoteiros.

— Mas, senhor...

— Eu explico! Este menino evitou o desastre, salvando da morte dezenas de pessoas que viajavam nos dois carros!

Um silencio de estupefacção reinou por instantes, como a calma que precede as tempestades. De subito irromperam hurrahs! freneticos; a fileira desfez-se e os escoteiros precipitaram-se para Zézé, erguendo-o

nos hombros, e passeiando-o em triumpho pelo salão, para leval-o depois ao instructor que o recebeu nos braços, confundindo com as do menino as suas lagrymas de alegria.

IV

O garoto apregoava á porta da séde:

— **O Pharol!** Segundo cliché! O desastre da ladeira do Mirante! Ultima hora! Um menino que salvou duzentas pessoas!

Já o gerente voltava da porta e num circulo de escoteiros lia em voz alta:

— “Completando e rectificando a nossa noticia da primeira edição, podemos agora tranquillisar os nossos leitores, sobre o que, no primeiro momento foi chamado o desastre da ladeira do Mirante. E’ que a Providencia Divina, pela mão de um menino arteiro, fizera abrir a chave do desvio morto, que costuma estar sempre fechada. D’esse modo foi evitado o desastre que victimaria talvez mais de cem pessoas que viajavam nos dois bondes e que, de volta do trabalho, se recolhiam aos seus lares.

“O bonde n. 395, que descia a ladeira, desgovernado, sem freios, iria infallivelmente chocar-se com o de n. 202, que n’aquelle momento surdio á sua frente, atravessando a linha. O motorneiro deste ultimo presentio o choque e inverteo a corrente, mas pela sua frente já passava como um bolide o bonde que descia

e que, enveredando pelo desvio aberto pela Providencia, correo ainda até ao deposito pela impulsão que trazia. Si não fosse o desvio aberto o desastre era fatal!

“Apenas o grande susto que soffreram os passageiros dos dois carros e um ou dois faniquitos foram o resultado do caso.

“O instrumento usado pela Providencia, e que foi um menino mais ou menos conhecido pelos moradores do local, está sendo activamente procurado pela Companhia de Bondes, que quer premiar a sua... travessura bemdita!”

— E esse premio será entregue pela Directoria da Companhia em outro dia e com a solemnidade que o caso requer. Como se chama? concluiu o gerente.

— José Rosario, filho do Capitão do Exercito Antonio Rosario! informou Lobo.

O gerente tomou nota da residencia de Zézé a quem abraçou ainda uma vez e ao despedir-se, Lobo poz em fórma todos os meninos e lhes disse:

— Meos amigos, o Zézé que conheciamos, aquelle Zézé, que nos amofinava a todos com as suas evasivas e que declinava sempre de si qualquer responsabilidade; aquelle Zézé que mereceo de todos vocês o appellido de Zézé-Não-Fui-Eu; sumio-se... não existe mais. Em seo logar surgio um escoteiro conscio dos seus deveres e que, respeitando o artigo quarto do nosso Codigo, é um escoteiro que **acceita em todas as circumstancias a responsabilidade dos seus actos**, ain-

da mesmo quando essa responsabilidade o conduza ao castigo, á punição...

— Ou á recompensa! acudio o gerente. Agora, um conselho para todos: Deixem sempre as chaves dos trilhos como estão, abertas ou fechadas, porque nem sempre é a Providencia que aproveita para o bem as travessuras dos meninos. Ha casos, e quasi sempre assim acontece, em que as aproveita o Diabo!!... Bôa noite!



ART. 5.º

“O Escoteiro é leal e cortez para com todos.”

I

Pela estrada que liga duas cidades do interior do Estado do Rio viajava a cavallo, vindo de uma estação, um senhor de aspecto sympathico e cujos trajes denotavam certo conforto, que bem se alliava á distincção de maneiras.

Em dado trecho a estrada, mal conservada, confundio-se com a campina e o viajante que, provavelmente, não conhecia o terreno desviou-se do caminho, seguindo uma trilha que o conduzio á floresta. Em breve reconheceo que estava extraviado. A sua montaria estava cançada, precisava refrescar o cavallo e mitigar, elle proprio, a sêde que o sol causticante lhe havia causado. Não se lhe deparava, porém, fonte ou nascente de especie alguma. Resolveo, então apeiar-se, para folgar a montaria e refrigerar-se um pouco á sombra das arvores.

Deixando o cavallo em liberdade, o viajante sentou-se em uma raiz e reflectia sobre a sua situação, quando surdio na aberta em que se achava um meni-

no de 13 annos presumiveis, que olhou curiosamente para elle e já se retirava quando o viajante lhe dirigio a palavra:

— O' menino!

— E' commigo que está falando?

— Pois com quem mais ha de ser? Venha fazer-me um favor...

— Favor?... Emfim, diga lá! respondeo o menino sem se approximar.

— Onde é que se encontra agoa por aqui perto?...

— Agoa, por aqui? E' cousa que não ha.

— Uma fonte, um riacho!

— Qual! **Você** aqui tem de morrer de sede...

O viajante embora melindrado pelo tratamento pouco cortez de **você**, redarguiu ainda:

— Bem. Diga-me, então, qual é o caminho mais curto para ir á cidade de P.

— Então, **você** não sabe?

O menino, com as pernas afastadas, mãos enfiadas nos bolsos da calça, parecia gozar da difficuldade do homem.

— Si soubesse não perguntava! observou este.

— Pois então **arrume-se!** Eu tambem não sei.

— Não mora por estes lados?

— E' de sua conta?

— Bem. Desculpe! resmungou o viajante admirado de tanta grosseria.

— Olhe! Vá andando sempre em frente do nariz que dá com as **ventas** na cidade.

E o menino soltando uma risada, metteo-se de novo no matto.

— Que malcreação! disse o viajante. Esse pequeno promette...

Depois, erguendo-se, foi buscar o cavallo que roia uns arbustos e, montando novamente, pôz-se a caminho pela picada, monologando:

— Afinal vou seguir a indicação daquelle insolentesinho. Seguir em frente do nariz, até dar com as ventas... em qualquer parte.

Dentro de dez ou quinze minutos, o viajante encontrou-se com outro menino que, caminhando em sentido contrario, desviou-se da picada para lhe dar passagem, tirando o seo gorro e cumprimentando:

— Bôa tarde, senhor!

O viajante correspondeo com a mão e ia passar, quando arrependeo-se e estacou o animal.

— Bôa tarde, pequeno. Você para que lado vae?

— Vou para a cidade de P., respondeo o menino, tirando o gorro.

— Ponha o seu **boquet**, meo filho. Sabe então o caminho?

— Móro lá. O senhor está dando costas á cidade...

O viajante voltou a montaria e continuou:

— E sabe onde ha agoa perto?

— Só d'aqui a um kilometro mais ou menos; eu posso guial-o até lá.

— Ha pouco encontrei um outro menino que não

era bem creado como você e que me deo indicações erradas.

— Talvez não soubesse...

— Sabia sim, quiz se divertir á minha custa; falta de educação...

— Também pode ser.

— Mas não é preciso você se desviar do seo caminho por minha causa. Basta que me indique a direcção.

— Não me desvio, porque o meo caminho é este mesmo.

— Então ha de me fazer o favor de montar comigo.

— Vou incommodar...

— Qual! Dá-me prazer até...

E estendendo a mão ao menino o viajante convidou-o:

— Venha!

— Não é preciso! respondeo a creança.

Afastando-se um pouco, tomou impulso e com um salto firmou as mãos na anca do animal e, leve como uma penna, tomou a garupa do cavalleiro.

— Já vejo que você é montador consumado...

— Basta um pouco de pratica. Na vida é preciso saber de tudo um bocadinho...

— Noto também que você tem uma educação pouco commum em meninos de sua idade.

— A educação que papae me deo foi pouca porque elle é... carvoeiro e mal sabe lêr, mas eu sou es-

coteiro e o codigo, que eu devo cumprir, manda ser educado e respeitador.

— Ah! E' escoteiro? Mas... ainda assim. Você fala correctamente...

— O escotismo também corrige os erros de pronuncia e de linguagem, e depois eu estou no collegio. Si ando agora por estas alturas é porque estamos em férias e eu fui á villa de M. levar dinheiro para pagar uma conta.

— E atravessou toda esta floresta, sem receio? admirou-se o viajante.

— Não tenho receio. Sou escoteiro.

— E' exacto. Tinha-me esquecido! disse sorrindo o cavalleiro. E' pena que o outro menino que encontrei não fosse escoteiro. Não teria me desgostado tanto e talvez já estivesse a esta hora em casa do amigo que vou visitar.

— O senhor póde me descrever esse menino?

— Posso porque os seos modos impertinentes o recommendaram á minha observação. E' ruivo, cabellos espetados, sardas no rosto...

— Quasi sem sobrancelhas e nariz muito arrebitado; concluiu o menino.

— Você o conhece?

— Sei quem é. O Mario. Com effeito é pouco educado e o seo maior prazer é enganar os outros, para ri-se á custa dos enganados.

— Devia ir para o escotismo regenerar-se! observou o viajante.

O menino sorrio:

— Elle já é escoteiro.

— Que me diz?

— E' sim senhor. Mas o nosso chefe está quasi desistindo de conserval-o na tropa porque é incorrigivel.

— Tem pae?

— Tem, sim senhor! E' o Dr. Josias Machado, prefeito da cidade e medico muito estimado. Mas esse menino mesmo diz que nem o pae pode com elle.

Chegaram á fonte que o menino annunciára. O escoteiro firmando as mãos no sellim, saltou para traz, cahindo de pé a dois metros, quasi, do cavallo. O viajante apeiou-se, armou um copo de aluminio que tirou do bolso e bebeo com visivel satisfação um pouco de agoa crystallina. O escoteiro fez o mesmo com as mãos em concha, e depois conduzio o cavallo para se desalterar, poupando esse trabalho ao viajante, que lhe agradeceo.

— Agora, disse o menino, está o senhor no caminho da cidade, que pode distar uns dois kilometros. D'aqui a uma hora, sem correr, e seguindo esta vereda que sahe na estrada, estará lá.

— Porque não vem commigo?

— Ainda tenho que dar um recado de papae.

— Vou sentir falta de sua companhia.

— Muito agradeço ao senhor.

— Até á vista, então... disse o viajante esten-

dendo a mão ao menino, que a apertou, descoberto. Como se chama você?

— Joaquim de Oliveira, um seo creado! respon-deo o menino.

— E onde mora?

— Na cidade.

— Rua?

— Travessa da Capella.

— Numero?

— Não tem, disse o pequeno, rindo-se. Seria muito luxo. E' uma carvoaria.

— Bem. Agora eu: sou Deoclecio Moraes, Senador da Republica, medico e seo amigo sincero e agradecido.

— Eu é que agradeço, sr. doutor.

— Vou á cidade em visita a um amigo: o Coronel Felismino Pereira, conhece?

— Conheço, sim senhor. E' fazendeiro importante do municipio, e tem um palacete na cidade; alem disso é o senhorio de papae...

— Ah! fez o Senador. Pois havemos de nos encontrar meo camaradinho... Até á vista...

— Até á vista, sr. doutor.

O menino, cumprimentando ainda uma vez, affagou o pescoço do cavallo e partio com passo firme, seguido, até perder-se de vista, pelo olhar penetrante do dr. Moraes, que abanava affirmativamente a cabeça, amadurecendo um plano que formára.

II

No dia seguinte, à tarde, penetrava na travessa da Capella, um senhor elegantemente trajado que vagorosamente seguia, mirando todas as casas, até encontrar-se à porta de uma carvoaria, em cujo interior, um homem empilhava saccos de carvão, com as mangas arregaçadas e o rosto e as mãos ennegrecidas de moinha.

Ao lado da carvoaria, e contrastando com os portaes sujos de carvão, encostava-se pequena casinha de duas janellas de guilhotina, ornadas interiormente de cortina de filó, e cuja entrada se fazia por um portãozinho de madeira, pintado de verde e emsombreado por uma trepadeira de flôres escarlates.

O passeiante bateu com a bengala no humbral da carvoaria e chamou:

— O' Sr. Oliveira!

O carvoeiro voltou-se e vendo um cavalheiro desconhecido e bem trajado, passou a manga pelo rosto e veio até á porta:

— V. S. sabe o meo nome?

— Porque não?

— Mas V. S. não é d'aqui.

— E que tem isso, amigo?

— Alguma encommendasinha?

— Nada! Eu queria falar com o seo filho Joaquim.

— O Quinzinho?

— Justamente!

— O senhor... perdão, V. S. conhece o meo Quinzinho?

— Sou amigo d'elle.

— Amigo do meo filho?

E o carvoeiro procurava limpar mais o rosto, que se tornava ainda mais sujo, pelo pó accumulado na manga da camisa.

— Genninha! O' filhoca!... Diz ao Quinzinho que tem aqui um senhor amigo d'elle... V. S. faça o favor de entrar ahi ao lado, no portãozinho verde!... O' Genninha!

O visitante, que outro não era sinão o dr. Moraes, entrou para uma saleta recebido pela Genninha, mocinha de 18 annos, modestamente vestida, que se desculpava:

— O senhor não repare que é casa de pobre!

Na saleta, adornada com flôres artificiaes e paninhos de crochet, viam-se nas paredes alguns desenhos a crayon e dois esbocetos a aquarella.

— São suas estas pinturas? perguntou o senador.

— Não senhor! São de Quinzinho...

O senador observou os quadros, mas os seus olhares admiravam e analysavam de soslaio a mocinha, de rosto perfeito, olhos grandes, bocca mimosa, porte gracil, e que se parecia bastante com o irmão.

O Joaquim entrou muito corado e sorridente.

— Não esperava pela minha visita, não é assim?

— Confesso que não esperava essa honra, sr. dr.

— Eu quiz tornar a vê-lo. Já estava com saudades...

— Muito obrigado pela sua bondade...

— Seo irmão, senhorita, captivou-me, num encontro que tivemos, pela sua urbanidade e distincta educação...

— Papae é muito pobre, mas sempre fez como mamãe fazia: ensinar os filhos a respeitar os mais velhos e a serem delicados para todos...

— Fazia? Então sua mamãe...

— Morreo ha tres annos.

O senador encarou em silencio os dois filhos do carvoeiro, que haviam baixado a cabeça á recordação do ente querido que se fôra...

Quebrou o silencio a voz do carvoeiro, que entrava, depois de uma limpeza summaria, e dizia:

— V. S. desculpe a casa de pobre...

— De rico! atalhou o senador. Não pode ser pobre quem possui estas duas joias!

E apontava os dois filhos do pobre homem, que concordou:

— Lá isso é verdade! São a minha consolação...

O' Genninha, vê um cafésinho.

— Não se incomode, senhorita. Eu prefiro a sua presença.

A mocinha corou e deixou-se ficar. A palestra continuou cordial, e o senador narrou o seo encontro com Joaquim, depois de haver sido desconsiderado por outro menino. Quando o senador se despedio, uma

hora depois, levava a promessa de uma visita do menino, e tambem a convicção de que encontrára uma familia de sentimentos nobilissimos. Soubera que o carvoeiro vivia com as maiores difficuldades para manter decentemente a sua casinha. Que o menino ajudava o pae, quanto podia, não se furtando mesmo a conduzir em um carrinho de mão os saccos de carvão para a casa dos freguezes. Que a mocinha interrompêra os estudos, por morte de sua mãe, mas que era preñdada e muito carinhosa. E recordando tudo isso, o senador dr. Moraes fazia voltar a bengala com ares satisfeitos.

Chegando á casa do Coronel, seo amigo, o medico interpellou-o:

— O' Coronel, tens muitas casas aqui na cidade?

— Tenho umas dezoito. Porque?

— Queres ceder-me uma?

— Ceder-te... Hom'essa! Pois não tens esta?

— Não. Quero comprar-te uma de tuas casas!

— Comprar-me uma casa?...

— Sim. A da travessa da Capella. Quanto queres por ella?

— A carvoaria? Ora que idéa! Vaes ser socio do carvoeiro?...

— Quem sabe?...

O Coronel derreiu-se na cadeira em gostosa risada.

— Não rias que o caso é serio!

— Então queres mesmo?

— Quero! E' negocio decidido... Dize o preço!

E o senador puxou do bolso o caderno de cheques. O Coronel coçou o queixo, a ponta do nariz, e afinal declarou:

— Por ser para quem é... oito contos de réis!... Rende-me 80 mil réis mensaes.

O medico destacou o cheque, que preencherà e firmára, entregando-o ao coronel.

— Ah! estão nove contos. Não quero incommodar-me. Manda preparar tudo. Lavra-se a escriptura amanhã mesmo, em nome de Joaquim de Oliveira, menor, filho do carvoeiro, teo inquilino. Usufructo para elle e seos descendentes.

O coronel abriu a bocca, sarapantado, e disse:

— Mas, senador...

— Faze o que eu digo, e dá ao diabo o que pensas!

III

O carvoeiro e o filho voltaram do tabellião, scientes da doação da casa, feita por pessoa cujo nome elle não quiz declarar.

— Está tudo muito bem... mas é preciso saber quem foi...

— Ora, papai! Quem podia ser?

— O teo amigo doutor?

— Pois então.

— Mas porque cargas d'agua...

— Isso é o que eu hei de saber. Deixe a cousa commigo.

E Joaquim, depois do meio dia preparou-se para retribuir a visita do senador. Revestido de seo uniforme de escoteiro, botas polidas, cinto envernizado, dirigio-se á residencia do Coronel, que o recebeu muito bem mas declarou-lhe que o senador sahira e que já estava demorando. Joaquim perguntou que rumo tomára o Senador ao sahir.

— Ah! Elle disse que ia visitar a represa da fabrica de papel, mas que o esperasse para almoçar. Já são duas horas...

— Vou procural-o!

E, saudando o Coronel, Joaquim dirigio-se em passo de escoteiro (vinte passos ordinarios e vinte em acelerado) para os lados da represa.

Em breve avistou o immenso lençol de agoas, verdadeiro lago artificial, mas notou logo que á beira do caes-muralha, que continha a agoa, se agglomeravam muitas pessoas, formando um grupo agitado. Joaquim partio em passo de carga e ao chegar, rompendo o agrupamento, vio deitado de costas um menino no qual reconheceo logo o Mario, filho do prefeito, tendo junto d'elle, ajoelhado, sem paletó e todo encharcado, o senador, que lhe prestava soccorros medicos.

Sem dizer palavra Quinzinho ajoelhou-se tambem e auxiliou o medico a provocar a respiração artificial

no menino, que afinal se agitou dando demonstração de voltar á vida.

— Continua as fricções no peito, Joaquim, disse o medico erguendõ-se.

E voltando-se para os operarios que o cercavam accrescentou:

— Agora é preciso transportal-o para um logar quente, dar-lhe um reconfortanté, trocar-lhe a roupa...

— Na minha casa, senhor, podemos ter tudo isso, menos a roupa... respondeo um operario.

— A roupa eu empresto! accrescentou um pequeno que alli se achava.

E assim foi o Mario soccorrido, e mais tarde transportado em trolly para a residencia de seo pae.

O senador trocára a sua roupa pela de um operario, enquanto, de bicycletta emprestada por outro, ia Joaquim á casa do Coronel buscar muda completa para o doutor, que espirrava conscienciosamente.

Voltando para a cidade, mais tarde, o senador e o escoteiro, foram acolhidos alegremente pelo coronel que reteve o menino para a refeição. Durante ella, o senador teve de contar o caso, o que elle fez succintamente.

— “Quando cheguei á muralha da represa já alli encontrei o meo mal educado da floresta, que reconheci logo, mas a quem não liguei attenção. Elle, porém, provocou-me com uma pergunta galhofeira: Já encontrou o caminho da cidade? — Já, lhe respondi severamente. Ensinou-m’o um menino tão bem

educado quanto você é insolente! — Já sei, respondeo elle. Ha de ser o engrossador do Joaquim!

Dei-lhe as costas e comecei a percorrer a muralha, quando de subito ouvi um grito e voltei-me. O menino havia cahido e debatia-se afflicto na agoa. Fiz o meo dever, não é assim, meo amiguinho? Sei nadar, graças a Deus; tirei o paletó e o calçado e fui buscar o pobresinho, em dois ou tres mergulhos. Logo acudiram diversos operarios, e eu desempenhei o meo papel de medico, depois de ter sido Terra Nova!...”

Joaquim levantou-se do seo logar, e dando volta á mesa, dirigio-se ao senador a quem disse:

— Eu vim aqui hoje para lhe agradecer o presente que fez a mim e a minha familia, e que nós não merecemos...

— Eu?... disfarçou o medico.

— Sim. Mas agora reconheço que o senhor é mais do que um amigo; é um santo que sabe praticar o bem, esquecendo as injurias:..

E beijou a mão do senador, que o abraçou com carinho. O Coronel para disfarçar a commoção disse:

— Eu, cá por mim, deixava o diabinho se afogar!...

— Para que ha de ser mentiroso, sr. coronel?... Na sua idade é muito feio! gracejou o menino.

— Eu sou mentiroso? replicou o coronel formalizado.

— Pois então? O Sr. Coronel fazia o mesmo que o sr. doutor fez!

— Não fazia não! Palavra! affirmou o fazendeiro. Depois estourando gostosa risada, explicou:

— Eu não sei nadar, menino! Dá cá um abraço!...

Nesse momento vieram prevenir o Senador que o seo collega, o prefeito lhe mandava pedir a fineza de chegar até sua residencia, pois seo filho Mario queria falar-lhe.

— Digam que eu vou já! Joaquim, queres vir commigo?

— Não sei se deva...

— Sei eu! Vamos!

Lá chegando, o prefeito introduzio-os no quarto onde repousava o menino, ainda muito abatido. O senador adeantou-se, ficando Joaquim perto da porta, na penumbra do quarto.

— Então como vae isso? Estava bom o banho? perguntou alegremente o senador.

— O senhor... balbuciou o menino. O senhor me perdôa?

— Perdoar o que, meo filho? disse o Dr. Moraes, acariciando os cabellos ruivos do Mario.

— Tudo! Tudo o que eu disse e fiz para o senhor... Eu não sabia que o senhor era tão bom!

— Mario, eu já te perdoei... Si não te houvesse perdoado logo, eu teria deixado que o teo corpo fosse para o fundo da represa, não achas? Não te quero mal, mas ouve o que te digo: Não é por ser eu bom que devias tratar-me bem. Deves tratar todo o mundo com a maior gentileza possivel, sejam bons ou máos!

Si a pessoa fôr boa, como tu dizes que eu sou, ficará te querendo bem; si fôr má, não achará motivo para te querer mal, não é?

Mario chorava.

— Não chores, meo filho. Sou teo amigo e te quero bem...

— Eu tambem queria vêr o Joaquim... murmurou o pequeno, puxando a mão do Senador que beijou.

— Estou aqui! estou aqui, Mario! exclamou Quinzinho correndo a abraçar o companheiro.

— Tu tambem me perdôas?

— Nunca me fizeste mal, meo irmão!... Apenas te esqueceste do artigo quinto do Codigo, que, como eu, juraste cumprir!...

— Qual é esse artigo? perguntou o pae de Mario, que assistira a tudo intensamente commovido.

— "O escoteiro é leal e cortez para com todos." respondeo Joaquim.

— E isso não custa nada! concluiu o Senador.

Mario restabeleceo-se rapidamente e tornou-se a sombra, o espelho do Joaquim, ao qual procurava imitar em tudo.

Quinzinho, dentro de um anno, se matriculava, por influencia do Senador, na Escola de Bellas Artes, onde não tardou em ser um alumno distincto. O carvoeiro deixára o negocio e era agora administrador dos predios do Coronel Felismino Pereira. O Senador Deoclecio Moraes voltou para a Capital Federal, mas

fazia frequentes visitas ao seu amigo Coronel Felismino.

... e diziam á bocca pequena que muito breve correriam proclamas de casamento da senhorita Eugenia Oliveira, a irmã do Joaquim, com o Dr. Deoclecio Moraes, Senador da Republica...



ART. 6.º

“O escoteiro considera todos os outros escoteiros como seus irmãos, sem distincção de classe social”.

I

— Já te disse que isso é impossivel. Tu tens de occupar na fileira o logar que te compete pela altura...

— Mas eu sou da mesma altura que o Pedro. Posso trocar com elle.

— Si elle quizer. Mas porque essa mudança de logar?

— Por nada! E' uma mania!

— Pois então vê si o Pedro está de accordo.

E o monitor Luiz, tendo assim resolvido o caso, foi tratar de outro assumpto. Julio, o escoteiro que com elle conversava, procurou o Pedro a quem propoz trocarem de logar na fileira.

— Mas trocar para que?

— Porque eu prefiro ser o nº 2 da fila.

— Não entendo.

— E' simples, Pedro. Si eu fôr cerra-fila, não preciso estar com tanta attenção ás vozes, sou muito distrahido. Como cerra-fila só tenho que fazer o que o nº 1 fizer.

— Parece que você está mentindo...

Julio corou mas não respondeo.

— Enfim, eu troco, porque para mim é indifferente. Já falaste ao monitor?

— Já. Foi elle que me disse que isso dependia só de você.

— Então trocamos.

O monitor avisado não se oppoz e o Pedro passou a ficar, na fórma, visinho do Alfredo. Ora o Alfredo era um mulatinho fusco, de cabello carapinhado, e filho de um quitandeiro.

Na primeira vez em que a patrulha do monitor Luiz formou, Julio ficou entre dois meninos brancos, e Pedro ao lado de Alfredo. Este perguntou a Pedro porque é que Julio trocára de logar, tendo como resposta que Julio preferia ser cerra-fila; e ao Pedro, o seu visinho Rogerio declarou que gostára da troca porque Julio era muito **cheio de si**.

O instructor, ao verificar a troca, teve um sorriso e murmurou:

— Já comprehendo!

Quando terminou o exercicio Julio foi procurado pelo mulatinho que lhe perguntou:

— Porque é que você não quiz ficar perto de mim? Eu lhe fiz alguma cousa?

Julio olhou sobranceiro para elle e, encolhendo os hombros, respondeo:

— Tenho que te dar satisfações?

Alfredo, humilhado, não insistio mas olhou signi-

ficativamente para as suas mãos cuja pelle escura era a mesma que lhe cobria o rosto e todo o corpo, e sentio um calor subir-lhe ás faces.

Julio era filho de um rico banqueiro e fazia alarde ostensivo da posição social do seo pae, que lhe permitia trajar-se com apuro, usar botas finas, e mesmo em uniforme, eram de melhor qualidade o panno e os apetrechos. Não raro ia para os exercicios, na séde, de automovel; e a sua merenda nas excursões constava sempre de finas iguarias e gulodices caras. Elle, aliás, não repartia com os companheiros, com o pretexto de que o medico da familia lhe havia prohibido comer, o que de ordinario os outros levavam, carne assada, bananas, ovos duros, salame, etc. O seo copo era de prata com monogramma.

Os outros escoteiros viam tudo aquillo, mas não ligavam ao caso, limitando-se a achar que o Julio era um desfructavel.

O instructor, porém, já vinha notando com desprazer aquellas excepções á regra escoteira, e agora, com a troca effectuada, pensou em dar uma licção ao menino. E estudava o melhor meio de o fazer, quando o accaso veio proporcionar-lhe o que elle pretendia.

Marcada uma excursão para certo domingo, o instructor, á hora de sahir da séde, declarou que o fim da excursão era segredo; e a uma pergunta de Julio sobre o local da excursão, pois queria mandar o automovel esperal-o, o instructor objectou que o esco-

teiro obedece sem discutir e que, si assim não quizesse, poderia dispensal-o, mas por uma vez.

Julio calou-se remoendo umas cousas, que ninguém ouviu; e o partido, pois seguiram duas patrulhas, pôz-se a caminho e dentro de duas horas se achava em plana matta do Sumaré. Alli a floresta densa era penetrada, de quando em vez, por grandes farrapos de nuvens, que formavam nevoeiros espessos, onde mal se distinguiam os vultos.

O instructor determinára um serviço de exploração, em que os meninos, uma vez destacados, deviam reunir-se em ponto dado, dirigindo-se cada um, por si só, com o auxilio de copias da planta do local, calçadas sobre a carta do Estado Maior do Exercito.

Julio, que não primava pela diligencia, uma vez a sós, tratou de seguir a picada, que ia ter ao ponto de reunião, e nem uma vez se orientou.

Ia disposto a fantasiar umas observações sobre a flora, fauna, etc. Mas, envolvido pelo nevoeiro, o menino se transviou, e agora, indeciso, um tanto atemorizado, se havia detido, sem reconhecer mais a picada. Assim ficou algum tempo, á espera que o nevoeiro passasse; este, porém, cada vez mais denso se tornou e Julio já não distinguia mais, á frente e em redor de si, os troncos distantes de cinco metros.

Um silencio pesava sobre a floresta, onde, tolhidos pelo nevoeiro humido, nem os passaros piavam. Julio teve medo; tirando do bolso o seo apito — de

prata, aliás — por tres ou quatro vezes fez trillar o signal S. O. S., pedindo soccorro.

Nada, porém, lhe respondeo. O menino, tomado de pavor crescente, pensou nunca mais tornar a vêr o sol, a sua casa, seos paes e, já choramingando, caminhou ao accaso, tremulo e sem voz siquer para gritar.

Afinal, penetrado pelo orvalho do nevoeiro, tolhido de medo, positivamente assombrado, deixou-se cahir, soluçando e chamando baixinho:

— Mamãe!... Mamãe!...

II

O instructor Lauro, ao vêr que o tempo prometia mudar e vendo a carga de grossas nuvens que envolveriam breve toda a serra da Tijuca e Corcovado, deo por findo o exercicio, fazendo trillar o signal convencional para reunião.

Em menos de meia hora, vindos de diversas direcções, os escoteiros começaram a chegar, agrupando-se em torno de Lauro, que os ia identificando de um em um, com o auxilio dos monitores. No fim estavam todos presentes, menos um. Quem era?

— O Julio! exclamaram diversos meninos.

— Silencio! ordenou Lauro.

De novo, e por vezes, soou o apito agudo do instructor chamando á reunião. Nenhuma resposta, porém, se ouviu.

— Ficou para traz como é sempre o seo costume!

Vamos procural-o. Cada um de nós vae percorrer de novo o caminho andado, sempre se communicando uns com os outros, por meio da voz. O apito fica reservado para quem encontrar o Julio. Entenderam?

— Perfeitamente!

— Cuidado, não vão tambem se perder! Contemo-nos primeiro!

Contados os presentes verificou-se a falta de outro menino. Era o Alfredo.

— Mas agorinha mesmo elle estava aqui! disse o Pedro.

— Alfredo! chamou o instructor.

Nenhuma resposta.

— Bem! Procuremos os dois!...

Os meninos, cautelosamente, se dispersaram, ouvindo-se na matta, aqui e alli, a chamada:

— Ôi!... Ôi!...

Ao que respondiam outros:

— Alerta!

Voltemos, enquanto elles procuram, ao posto em que Julio, abatido de pavor, soluçava baixinho, chamando pela Mamãe.

Mêia hora já havia decorrido, quando no meio do nevoeiro se moveo um vulto que, de quatro pés, rente ao chão, parecia um animal da matta, que se approximava com rapidez relativa, seguindo o caminho

por onde Julio viera, e parando de vez em quando, como si farejasse o rastro. Ora deitava-se, ora erguia-se a olhar muito de perto galhos e arbustos. Até que, de subito, a poucos passos do menino, quasi desmaiado, o vulto ergueo-se e lançou-se sobre elle, exclamando:

— Julinho!...

E o accento daquella voz era o de sincera alegria. A' exclamação e ao contacto das mãos que o seguravam, Julio, n'um sobresalto agarrou-se ao vulto, abraçando-se com elle e clamando ainda:

— Mamãe!

— Não tenhas medo, Julinho. Sou eu, o Alfredo! Todos estão te procurando, mas fui eu que te achei...

— Alfredo!... exclamou Julinho reconhecendo o mulatinho.

E pondo as duas mãos nos hombros do companheiro afastou-o de si para o vêr melhor, mirar o rosto quasi negro, onde brilhavam os olhos ainda humidos de lagrymas do cafuso.

— Sou eu mesmo! Vem. Podes andar?

Julio levantou-se e sem dizer palavra, apanhou o chapéo, collocou-o á cabeça e disse, já senhor de si:

— Vamos!

— Por aqui, Julinho.

E Alfredo seguiu á frente, afastando os ramos.

— Nós vamos encontral-os já! E trillando o apito por tres vezes deo o signal do achado.

— Alerta! gritaram de diversos lados.

— Julio e Alfredo! clamou o mulatinho.

— Achados! Todos dois!...

Exclamações e tropel de corridas no matto, e logo, cercados pelos companheiros, os dois meninos foram levados á presença do instructor, que respirou alliviado.

— Como te perdeste, Julio? indagou elle.

— Eu quiz seguir para o ponto da reunião, sem explorar o matto e sem consultar a planta e me extraviéi no nevoeiro. Apitei, chamei, mas ninguem me ouviu... tive medo e caí junto de uma arvore...

— Quem te encontrou?

— Foi Alfredo.

— Como o encontraste? indagou o instructor do cafuso.

— Desandei o caminho até encontrar as pegadas do Julio e acompanhei o rastro!

— Como pudeste reconhecer as pegadas de Julio?

— Ora!... E' o unico que usa sapatos de sola fina e saltos de borracha...

— Bravo! exclamou o instructor. Serás premiado pela tua argucia...

O vento que se levantára de terra, impellia para o mar as moles de vapor que, aos poucos, se iam rompendo nas franças do arvoredó, e logo do ceo, radianamente azul, desceo a luz despertando a passarada, que parecia saudar em trinados a volta do escoteiro extraviado. O instructor continuou:

— Louvo a tua iniciativa e a boa acção que praticaste, Alfredo! Escoteiros! Uma salva por elle!

— **Ran! Ran! Pá! A-ná-u-ê!** gritaram compassadamente os meninos, com os braços erguidos, e batendo as palmas, ao rythmo da salva. Um silencio, e logo a seguir.

— **Al-frê-dô!**

Os chapéos foram sacudidos freneticamente no ar, Julio se havia conservado immovel e calado. O instructor sorprendido, interpellou-o:

— Então, você, Julio, não saúda o Alfredo?

— Não chefe! Não tenho esse direito enquanto não lhe pedir perdão do meo orgulho...

E Julio estendia os braços ao mulatinho, que se atirou n'elles, rindo e chorando ao mesmo tempo.

Desta vez não houve convite do instructor. O brado irrompeu vibrante:

— **Ran! Ran! Pá! A-ná-u-ê! Ju-li-ô!**

O instructor abraçára o Julio, a quem disse baixinho:

— Eu estava com receio de ser obrigado a te dispensar da tropa!

— Eu era um bôbo, chefe... Agora não serei mais!

— Em fórma, para a volta! ordenou o instructor.

— Você **destroca** commigo? supplicou Julio a Pedro.

Este rio-se, e mesmo sem consultar o monitor, os dois meninos voltaram aos seus primitivos logares.

Dois dias depois passava Julio com sua Mamãe, pela calçada de uma rua das Larangeiras, quando de repente, o menino vendo um pequeno de seos onze annos, todo vergado ao peso de um cestinho de bananas e couves, deixou sua mãe e abraçou-se a elle, sem ceremonias, compromettendo o equilibrio do cesto.

— Que é isso, Julinho? Tenha modos! censurou a senhora, sacudindo e alisando a roupa fina do menino. Abraçando quitandeiros no meio da rua!

— Não diga assim, Mamãe. Olhe!

E o menino mostrava á sua mãe, estupefacta, a mão direita aberta, com os tres dedos unidos e distendidos, e o pollegar recurvado sobre a palma, por cima do dedo minimo.

— Que é isso?

— Isto, Mamãe, é que fez que a Mamãe não perdesse o seo Julinho, de medo e de frio, no Sumaré!... Sabe? Aquelle quitandeiro é meo irmão!

ART. 7.º

“O escoteiro é generoso e valente; sempre prompto a auxiliar os fracos mesmo com perigo da propria vida.”

I

Voltando do exercicio na sêde, Antonio, n'aquella noite de Maio, recamada de estrellas e perfumada pela brisa que vinha das florestas e dos jardins, que acariciára, sentia-se bem disposto e, rememorando as explicações, os commentarios, que o instructor fizera aos escoteiros sobre os artigos do codigo, repetia consigo:

— ... **generoso e valente.** Para ser generoso deve-se perdoar e esquecer as injurias, as offensas e até mesmo o insulto, desde que não affectem a honra ou a Patria. Foi isso que o chefe explicou. Então... eu vou procurar o Chico; ainda é cedo; Mamãe só me espera ás dez horas.

O menino caminhava decidido, de cabeça erguida, busto empinado, conscio do seo valor e tranquillo de consciencia.

Pertencente a um grupo de escoteiros onde já figurava como de segunda classe, Antonio tinha no

livro de registro do instructor as melhores referencias e apenas uma nota destoante: "...muito sensivel ao amor proprio; difficilmente esquece qualquer brincadeira, que elle sempre leva a mal e procura enseo para se desferrar."

Ora, entre os meninos, que moravam nas cercanias de sua residencia, havia um que, embora rachitico e fraco apesar dos dezeseis annos que contava já, tinha por vezo implicar com os outros rapazes, ridicularizando tudo e todos, e indo ás vezes até o apodo offensivo.

Incapaz pela sua compleição physica e natural covardia de resistir a qualquer desforço, o Chico fugia ás correcções com toda a ligeireza de suas pernas cambaias; mas, de longe, repetia as provocações.

Antonio era uma de suas victimas preferidas; quando o Chico o pilhava uniformisado então é que o seo estro mais se manifestava.

Antonio era capaz, mais moço embora do que o outro, de dar-lhe uma licção e aguardava uma occasião azada em que o pudesse fazer, sem escandalo.

N'aquella noite, porém, reflectindo sobre a licção do seo instructor, se convencêra de que não devia responder aos doestos do Chico com violencia, e um plano interessante se lhe delineava na mente.

Perto de sua casa avistou o Chico, que, no meio de tres ou quatro rapazelhos, ensaiava os dardos de suas pilherias ferinas, sobre um visinho qualquer que á janella se aproveitava da frescura da noite.

Antonio aproximou-se de manso e, irrompendo no grupo, segurou de subito o Chico pela gola da camisa e com um puxão fel-o voltar-se de frente para elle. O outro, covarde como era, tentou escapar-se, mas Antonio agarrou-o pelo braço e prendeo-o ao lugar. Os outros, interessados na sova que elles já calculavam que o Chico ia levar, quedaram-se espectadores.

— Olha, Chico. Sempre que eu passo, fardado ou não, tu achas motivo para me debochar, me insultar mesmo, como costumaz fazer com todo o mundo. Eu nunca te peguei porque não queria me dar ao desfrute de correr atraz de ti, pela rua.

O Chico tremia, pallido e apavorado, certo de que ia apanhar uns tabefes, pois não poderia resistir ao pulso nem á agilidade de Antonio, treinado em exercicios physicos. O escoteiro continuou:

— Eu podia te dar, agora que te pilhei de sopeão. Mas sou escoteiro e sei perdoar as injurias e esquecel-as. Si me promettes mudar de feitio e não implicar mais com ninguem, seremos amigos, queres?

E largando o braço do cambaio, estendeo-lhe a mão leal. O outro, sem responder, esfregou o braço que Antonio segurára e, acenando com a cabeça affirmativamente, pousou a mão molle, sem energia, na mão que o escoteiro lhe estendia.

— Vê lá! Trata de mudar de vida pois si eu não te castigo porque devo ser generoso, outro qual-

quer pode um dia te agarrar deveras! Boa noite! Esqueço tudo o que me tens feito.

Antonio, sacudindo a mão do Chico, afastou-se no seo passo firme e medido. Quando estava a uns trinta passos de distancia a voz do Chico ferio-lhe os ouvidos:

— João Bôbo!... O' trouxa!... Escoteiro de bôra!... Idiota!...

E uma serie de insultos cahio sobre elle emquanto o Chico ganhava distancia. Antonio estremeceo, parou por um momento, reprimindo o impeto de voltar. Deo de hombros, porém, e continuou a caminhar, murmurando apenas:

— Coitado! Nunca teve quem lhe desse educação!

II

Antonio nem mesmo aos seos companheiros contou o que se passára e continuou a atravessar a rua, ás mesmas horas e pela mesma calçada. Teve, porém, a ventura de não se encontrar mais com o Chico.

Oito dias decorreram sem novidade, até que em uma terça-feira, indo para a séde, á tardinha, no dobrar a esquina da rua em que morava, Antonio vio de longe um ajuntamento, em que sobresahiam rapazotes dos que costumavam applaudir as façanhas do Chico. Antonio apressou o passo, e logo reconheceo o cambaio, que no centro do ajuntamento estava seguro por um homem vigoroso e que exclamava, enfurecido:

— Agora vaes pagar tudo por junto, côxo do inferno!

O Chico procurava se defender com um braço dos repellões do homem, que lhe applicava formidaveis sopapos. Antonio não poude se conter, e varando o grupo dos mirones, pendurou-se pelas mãos ao braço do homem que espancava o Chico, e gritou:

— Chega, cidadão! Basta de bordoadas...

O homem, sorprendido, parou na pancadaria, mas sem largar o Chico:

— Quem é você? Quer apanhar tambem?

— Sou um escoteiro, não está vendo?

O homem procurou desenvencilhar-se de Antonio, sem conseguir desprender o braço, porém.

— Com certeza, é algum ajudante deste cachorro nos insultos a quem passa!

— O senhor se engana! contestou Antonio sem largar o braço do homem, que por sua vez tambem não queria largar o Chico. Eu sou, pelo contrario, uma victima dos insultos d'elle.

— Pois então ajude-me a castigal-o!

— Não posso consentir que o senhor, que é muito mais forte, dê n'uma creança doente!

— Não é elle creança nem doente para implicar e offender todo o mundo! Já é a terceira vez que este canalha me offende quando eu passo. Hoje peguei-o... mas ainda não estou satisfeito!

— Pois deve estar, porque não dá mais n'elle!!!

— E quem é que me impede?

— Eu!

— Tu? Um pirralho? disse o homem.

Com um safanão inesperado o homem conseguiu livrar-se de Antonio, que se agarrou de novo ao braço.

— E' uma covardia bater num desgraçado. O senhor não é um covarde, está se vendo! Largue o Chico!

— Larga-me tu, fedelho!

— Não largo!

O homem, desorientado, abriu a mão que segurava o Chico para apanhar o Antonio, que assim que viu o movimento, gritou:

— Foge Chico! Aproveita!

Este não esperou, e abalou aos saltos, humilhado e contundido. O homem, colerico, largou Antonio para agarrar o Chico, mas o escoteiro tomou-lhe a frente:

— Basta! Si está com a mania de dar pancada, dê em mim, porque n'elle o senhor não bate mais!

O homem ergueo o punho ameaçador sobre Antonio, mas quando o punho desceo, violento, só encontrou o vacuo, pois Antonio furtára rapidamente o corpo, saltando para um lado. O homem, para não perder o equilibrio, deu dois passos á frente e voltou-se estupefacto. Em posição natural Antonio olhava-o, sorridente, e estendendo-lhe a mão com lealdade, disse:

— Vamos fazer as pazes? O senhor não pode ter raiva de mim, que não lhe fiz nada!

— Deixaste escapulir o diabo!

— Era o meo dever.

— Mas tu não foste tambem victima delle?

— Que tem isso? Um escoteiro esquece e perdôa as offensas, porque é generoso!

— Mas porque não me deixaste terminar a sova?

— Porque o escoteiro deve ser o defensor dos fracos, até mesmo com perigo de sua vida...

— Então achas...

— Acho que o Chico já apanhou bastante e que o senhor pôde ir tranquillo porque elle nunca mais se mette com a sua pessoa...

— Nem com ninguem! disse uma voz humilde por traz dos dois interlocutores.

O circulo de mirones já se havia desfeito, visto como a lucta cessára, e o homem e o escoteiro, voltando-se, deram com o Chico, que de olhos baixos se approximára fóra do alcance da mão.

— Chega aqui, Chico! Não tenhas medo, que este senhor não te bate mais.

O cambaio chegou-se para perto do grupo e disse:

— O senhor me perdoe e você tambem Antonio. Eu não mexo mais com ninguem!

— E porque essa transformação? perguntou o homem. Não podias ter feito isso antes?

— Porque só agora é que eu comprehendi que fazia mal, muito mal!...

— Agora, hein? Depois que apanhaste!

— Não, senhor! replicou Chico, erguendo a cabe-

ça. Depois que vi o Antonio, que eu offendi tantas vezes, em vez de ajudar o senhor a bater-me, me defender e ajudar a fugir... Si Antonio quizesse ser meo amigo...

— Quero sim, Chico! Já te offereci a minha mão... Dá-me um abraço e não sejas nunca mais aquelle Chico implicante e offensivo...

— Nunca mais! Eu juro! disse o Chico, abraçando o escoteiro.

— Visto que é assim, eu tambem perdôo...

— O resto da sova! concluiu rindo o escoteiro.

O homem rio-se tambem, e tirando do bolso um cartão, acrescentou:

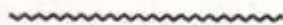
— Isso tambem é falta de occupação. Toma! Procura-me amanhã neste endereço e eu te arranjarei um emprego.

E deo o cartão ao Chico.

— Muito obrigado! disse este.

— Agradece a esse escoteiro que n'um instante me mostrou que é agradável perdoar e fazer o bem. Menino! Dá-me a tua mão.

E o homem apertando a mão de Antonio, afastou-se, deixando o escoteiro, que passando o braço pelo hombro do Chico o ia conduzindo insensivelmente para a séde... onde se aprende a honra e a bondade.



ART. 8.º

“O escoteiro pratica todos os dias uma bôa acção, por mais modesta que seja.”

I

A cousa que mais havia intrigado o menino Raul, quando se propuzera a ser noviço do grupo de escoteiros do bairro, era o nó que os meninos davam na ponta do lenço que traziam ao pescoço, e que elle via atado em uns e nos outros desatado. Tratou logo de indagar a razão d'aquella circumstancia; e muito admirado ficou quando o Severo, que havia sido o seu apresentante ao grupo, escoteiro já de segunda classe, lhe explicou que o nó na ponta do lenço, dado todos os dias pela manhã, lembrava ao escoteiro que era obrigatoria a pratica de uma bôa acção n'aquelle dia, embora essa boa acção fosse muito simples, muito modesta. E o Severo acrescentou:

— O escoteiro só tem o direito de desfazer o nó de seo lenço, depois de ter praticado a boa acção.

— E o que é boa acção? indagou Raul. Como é que se pratica?

O Severo explicou:

— Chama-se boa acção, por exemplo, ajudar qualquer pessoa n'um serviço, ou a fazer qualquer cousa, mesmo sem ella pedir, amparar um velho ou uma creança para atravessar a rua ou subir em uma calçada; erguer do chão um objecto que uma pessoa deixe cahir, lêr a taboleta de um bonde para quem não souber lêr ou enxergar pouco; indicar o caminho ou uma rua a quem perguntar; ir chamar um medico, levar uma carta; emfim tantas cousas que se podem fazer e que não é possível explicar tim-tim por tim-tim...

— E quando um escoteiro não consegue fazer uma boa acção durante o dia todo? Como ha de ser?

— Isso é difficil de acontecer! Sempre ha uma occasião; ha tantas occasiões mesmo, que a gente ás vezes até pratica uma boa acção sem reparar...

Os dois meninos caminhavam, a par, de volta da séde, por uma calçada meio arruinada. De repente, Raul pisando em falso ia torcendo o pé, quando n'um gesto instinctivo e natural Severo segurou-o pelo braço, impedindo-o de cahir.

— Viste Raul? Sem querer, sem procurar, pratiquei uma boa acção...

— E' tão facil assim? indagou Raul admirado.

— Pois é. Já vês que não faltam occasiões.

— Ah! Então eu posso ser escoteiro sem nó no lenço! disse o menino rindo-se. Mas escuta Severo: a gente nem sempre está fardado. Como é que se ha de fazer com o lenço?

— O lenço serve só quando a gente está em uni-

forme. Fóra d'isso não é preciso, mas o escoteiro tem sempre a preocupação de praticar uma boa acção. Depois, si quizeres, podes ter o lenço com o nó dado, na cabeceira de tua cama; quando fizeres a boa acção, chegando em casa, desatas o nó.

— Então basta fazer uma boa acção? Uma só?

— Não. O escoteiro deve fazer quantas puder; agora, o que elle não deve é deixar passar um dia sem praticar, pelo menos, uma. Entendeste?

— Ah! Agora já comprehendi...

Raul passou então a interrogar Severo sobre outros pontos dos deveres do escoteiro.

D'aquelle dia em deante o menino tornou-se, por assim dizer, o fiscal dos lenços de seos companheiros; quando via algum delles com o significativo nó nas pontas do lenço, indagava logo:

— Oh! homem! Será possível que você não tivesse hoje uma occasião de praticar a B. A.?

E si o interpellado respondia naturalmente:

— Você não está vendo o nó? E' signal de que não tive mesmo occasião!

— Pois admira! E' tão facil! A gente faz até sem querer!

Tornára-se proverbial na tribu de escoteiros a preocupação de Raul e os companheiros, por brincadeira já, o procuravam de vez em quando para dizer-lhe:

— Olha, **chefe!** Já desatei o nó!

— Muito bem! respondia Raul sem se alterar.

E accrescentava sempre:

— Pois é tão facil!

Afinal o menino prestou o seo exame de noviço e poude realizar o seo intenso desêjo: envergar o uniforme de escoteiro! Com elle, envolveo a gola n'um vistoso lenço vermelho, que era a côr da tribu. E quando, ao ser investido regularmente, o instructor passando-lhe o lenço pela gola, atou as duas pontas em nó, perguntando:

— Sabes o que significa este nó?

Raul respondeo:

— Sei. E' a boa acção que devo praticar todos os dias!

— Não te esqueças, portanto, do artigo 8.º do nosso Codigo.

— Não esquecerêi... Pois si é tão facil!

E de volta para casa, onde chegou radiante, desatou o nó com grande satisfação. Tinha praticado a B. A. regulamentar: empurrára com o pé para a sargeta uma casca de banana, que jazia na calçada. Ao deitar-se, relembrando ainda o caso e as impressões do grande dia, Raul repetia, já embalado nos braços de Morpheo:

— E'... tão... fa... cil!!

II

Passaram-se os dias e Raul não perdêra uma só occasião de desatar o nó de seo lenço, que, de accordo

com o que lhe havia lembrado Severo, elle trazia em evidencia á cabeceira de sua cama, quando não estava uniformisado. Todas as manhãs, ao levantar-se, Raul não se esquecia de fazer o nó symbolico.

Sua mãe, a quem elle explicára o caso, achou muita graça na historia e certa vez, logo que Raul sahiu do quarto, ella desatou o nó. Antes de sahir para a aula o menino voltou ao quarto para apanhar seos livros e, dando com o lenço de pontas soltas, correo a indagar quem teria feito aquillo.

— Com certeza foste tu mesmo! disse-lhe a Mãe sorrindo. E' que praticaste alguma bôa acção e desataste o nó sem querer...

— Isso é que não pode ser! Foi você, Mamãe, para bulir commigo...

— Fui eu mesma, meo filho. Achei que já havias praticado hoje uma boa acção e dasatei o nó.

— Agora é que eu digo que foi sem querer, pois não me lembro d'isso! Que foi, Mamãe?

— Deste a sopinha a tua irmãzinha, emquanto eu estava occupada em outra cousa.

— Ora, Mamãe! Isso é obrigação minha! Não vale! Si fosse assim nunca se amarrava o nó! Tenha paciencia, Mamãe, mas eu vou dar o nó, outra vez...

Assim Raul continuava, como vemos, preocupado com a sua boa acção diaria, sem que por isso, porem, esquecesse os outros seos deveres de filho, de irmão, de collegial e de escoteiro. O seo instructor, o monitor de sua patrulha e o proprio Severo já o haviam cum-

primentado pela sua constancia. Raul respondêra, como de costume:

— Não tem importancia... E' tão facil!

Ora, succedeo que em certo dia o Raul, ás duas horas da tarde, já de volta de suas aulas, não havia ainda conseguido motivo sério para desatar o nó. Caminhando, o menino lançava o olhar para todos os lados improficuamente e murmurava:

— Hoje está um caso sério! Nem um escorregão! Nem uma casquinha de banana! Todos levaram merenda, não tive com quem repartir; ninguém brigou para eu apartar e fazer as pazes! As velhas e as creanças não querem atravessar a rua; e, até parece que hoje todos sabem lér e ninguém me pergunta o caminho, nem deixa cahir embrulhos! Que massada! Será possível que eu hoje não desate o nó? E é dia de exercicio, hoje!...

Apezar de tudo o Raul chegou em casa, jantou, e ás 6 horas da tarde partio para a séde, sempre sem poder desatar o nó.

Raul estava pezaroso; e foi cabisbaixo que elle entrou em fórma para a chamada. Quando lhe chegou a vez de exhibir o seo lenço, o menino, meio engasgado, declarou:

— Um nó !

Um murmurio, logo contido, percorreu a fileira. Era a primeira vez, ia para seis mezes, que se ouvia a voz de Raul responder á revista de B. A. sem ser com a palavra:

— Safo!

O que indicava que o seo lenço não tinha nó. O instructor, sorprendido, approximou-se do menino e, levantando-lhe o queixo que elle trazia enterrado no peito, indagou:

— Que é isso Raul?

— Não houve meio de achar uma occasião! Eu bem procurei!... respondeo o menino confuso.

— Já vês que a cousa não é tão facil como affirmas sempre. Não debes, porém, ficar triste. D'aqui até meia noite ainda ha muito tempo! accrescentou sorrindo o instructor.

— Qual! O dia está perdido! gemeo Raul.

— E depois, continuou o chefe, si não encontrares occasião, dá segundo nó no lenço, e amanhã praticarás duas boas acções, obrigatorias! Ficas assim em dia com o artigo oitavo. Isso acontece a toda gente, Raul! E não é por isso que deixas de ser um bom escoteiro...

— Embora! resmungou o menino.

Findo o exercicio, Raul voltou para casa e recolheu-se ao leito, pendurando tristemente o seo lenço na cabeceira. Antes de dormir o menino deo lentamente um segundo nó nas pontas do lenço; e aconchegando as cobertas, depois de fazer sua oração, soltou um suspiro de magoa.

III

No dia seguinte, á hora do exercicio, á pergunta do instructor sobre as B. A., Raul respondeu em voz vibrante e alegre:

— Safo!

— Então praticaste hoje duas boas acções? perguntou o chefe.

— Não; uma só: a de hoje.

— Ficas devendo a de hontem. O teu lenço deve ter ainda um nó.

— Iche!!! Antes da meia noite eu consegui desatar o nó... Depois tornei a dar outro, que desatei hoje!

O instructor não insistio porque tinha plena confiança no menino; apenas rio-se com satisfação. Só, mais tarde, o chefe soube por intermedio de um visinho de Raul o que havia acontecido.

Na noite triste em que Raul déra no seu lenço o segundo nó, não pudéra conciliar o somno. Rolava na cama para um e outro lado, ouvindo a respiração profunda das pessoas de casa, que dormiam tranquillamente. O silencio da noite, na rua calma, em que residia a familia de Raul, era cortado apenas pelo trillo longinquo do apito preguiçoso de um guarda nocturno.

De subito Raul ouviu, distinctamente, um ruido de ferro que arranha ou raspa madeira com grande precaução. O menino sentou-se no leito e prestou ouvidos. O ruido continuava, parecendo vir da casa do

visinho da esquerda, a qual, gemea da em que morava Raul, tinha um quarto paralelo ao do menino; e ambos os quartos davam uma janella para o quintal.

O quarto de Raul estava apenas com as venezianas fechadas, pois o menino assim dormia, de accordo com os preceitos hygienicos que aprendêra no escotismo. Raul levantou-se sem ruido para não accoradar sua mãe que dormia no quarto contiguo. Trepando cuidadosamente sobre a sua mesinha de estudo, encostada á janella, elle ergueo-se na ponta dos pés e ponde avistar por entre as frinchas da veneziana e por sobre o muro, aliás baixo, que separava os dois quintaes, o vulto de um homem, que se esgrimia contra a janella do visinho, como querendo abril-a.

Raul desceo da mesa e reflectio rapidamente. Dar o alarme? Mas em sua casa não havia homem algum; o pae de Raul estava em viagem. O visinho trabalhava á noite e costumava entrar em casa ao amanhecer. Que iniciativa devia tomar? O apito longinquo do guarda nocturno indicou-lhe a solução.

O menino vestio rapidamente as calças e o paletó, e, sem sapatos, atravessou os aposentos de casa, abriu a porta da rua; deixou-a encostada e voou numa carreira silenciosa até a esquina, de onde avistou o vulto do guarda nocturno, palestrando com um collega de ronda.

Raul alcançou-os e contou-lhes o que tinha visto. Os dois guardas o acompanharam e, entrando por um terreno baldio aos fundos das casas, puderam cercar o

ladrão, que intimidaram com os seus revólveres e assim o prenderam em flagrante tentativa de arrombamento.

Tudo se passára sem grande ruído, de modo que ninguém accordára nas duas casas, e Raul voltando-á sua cama, depois de aferrolhada a porta da rua, desatou solemnemente os dois nós; depois atou novamente o lenço com um nó, murmurando:

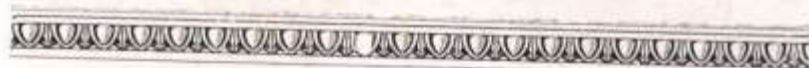
— Para amanhã!

Deitou-se com um suspiro de allivio e ferrou logo n'um somno tranquillo e repousado.

O visinho só soube do caso pelo guarda nocturno, e quando quiz procurar o menino para lhe agradecer o serviço prestado á sua familia, ficou perplexo ao ouvir a resposta de Raul:

— Eu é que fico muito agradecido ao senhor! Si não fosse o senhor não estar em casa eu perdia a minha B. A, e talvez ficasse com os dois nós!

Até hoje o visinho não encontrou a explicação de tal resposta.



ART. 9.º

“O escoteiro estima os animaes e se oppõe a toda crueldade contra elles.”

I

A um canto da pequena clareira aberta na matta, onde bivacavam os escoteiros, Manoel, deitado de bruços, a fio comprido, sobre o humus espesso, tinha o queixo apoiado sobre as duas mãos e os cotovellos fincados no chão.

Ao seo lado, acororado sobre os calcanhares, Josino, mais moço dois annos do que Manoel, acompanhava com attenção as observações que o seo camarada fazia sobre um cordão de formigas, entregues ao labor de conduzir para os seus celleiros subterraneos pedacinhos de folhas e de musgo.

— Estas formigas falam umas com as outras, Manoel? indagou o pequeno.

— Não! respondeo com autoridade o futuro entomologista. Ellas não falam, porque os animaes não têm voz para isso, mas se comprehendem perfectamente. Repara n'aquella, que vem alli carregando uma folhinha inteira. Vês? Não pode com a carga, sósinha.

Depositou a folhasinha no chão e vae procurar uma ajudante... Queres vêr? Já encontrou uma desoccupada... Repara como ellas conversam: cruzam os chifresinhos e batem com elles, uma na outra. Estão falando á moda d'ellas...

— Ha de ser Morse, talvez... aventurou Josino.

— Quem sabe? Olha! Lá vão as duas para a folha... Viste? Uma segura por um lado, outra pelo outro lado e lá vão... Uma anda de costas, recuando, a outra anda para a frente... Agora queres vêr uma cousa?

Manoel, agarrando um pedacinho de graveto, atravessou-o no caminho das formigas. A primeira que encontrou aquelle paredão á sua frente, parou, apalpou com as antennas (os chifresinhos como dizia o Manoel) para um lado e para outro, reconheceo o obstaculo e voltou precipitadamente para chamar um formigão que parecia ser o dirigente dos trabalhos.

— Deve ser o engenheiro... observou Josino.

A formiga **conversou** com o formigão, que veio tambem reconhecer o obstaculo, e telegraphou com as antennas qualquer cousa á formiga, que rapidamente transmittio a ordem a outras e, em breve, puxa d'aqui, empurra d'acolá, tinham desviado do caminho o graveto, tanto quanto bastava para dar passagem ás carregadeiras.

— Viste Josino, como são intelligentes? Não perdem tempo. Si fossem homens ainda estavam discutindo...

— Si ellas fossem tão intelligentes, observou o petiz, não teriam afastado o pausinho! Passavam por cima...

— Tu és bobo! Pois não vês que as que trazem cargas nas costas custariam a subir e a descer?

E os dois escoteiros continuaram a observar as formigas.

Isto se passava durante o descanso que o instructor marcára aos meninos, dando-lhes liberdade por meia hora — o que, em technica escoteira, se denomina: **tempo livre** — antes de recommençar os trabalhos de campo. Os meninos se haviam espalhado em diversas direcções, seguindo cada um a sua inclinação. D'isso se aproveitava o instructor para estudar os seus escoteiros colhendo elementos para o seu registro particular, acerca do character e dos habitos de cada um.

Alguns aproveitaram, como Josino e Manoel, para examinar plantas e insectos; outros estiravam-se cerrando os olhos, n'uma distensão do corpo abandonado sobre as folhas seccas; outros, ainda, se entregavam a exercicios physicos, organisando apostas de saltos e torneios de mãos; e mais alguns perambulavam a esmo, sem occupação e sem descanso, como almas penadas. Para estes, principalmente, se voltava a attenção do instructor. Eram os perigosos: os que não cerebrando, não tendo iniciativa propria, não sabem o que hão de fazer da sua liberdade.

Os dois entomologistas continuavam observando as formigas, que agora se haviam reunido em monte,

rodeando o cadaver de um verme qualquer que Josino descobrira entre as folhas mortas e, com um páosinho, atirára na estrada das formigas.

Grande conferencia se formára, motivada pelo achado do bichinho morto. Mensageiras partiram em diversas direcções, a buscar reforço. O formigão, que dirigia os trabalhos dispunha as operarias para o melhor transporte do valioso achado.

De repente um sapatão grosso e pesado cahio, como um cyclone, sobre o monte de formigas, esmagando tudo e ainda por cima raspando o chão para os lados, produzindo um verdadeiro cataclysmo, que aniquilou todo aquelle operariado.

— Oh! exclamou Josino, desolado, juntando as mãos.

— Malvado! gritou Manoel, pondo-se de pé e encarando com severa feição o escoteiro que commettêra aquella barbaridade. Você não é escoteiro!

O interpellado, um dos taes ociosos de que falámos, embespinhou-se e respondeu:

— Bôbo! Lambedor de formigas!

Manoel ia retorquir, quando o instructor, que presenciára de longe o facto, interpoz-se entre os dois meninos e com a sua auctoridade interrompeo o imminente duello... de palavras. Soou um silvo de apito e logo todos os escoteiros entraram em fórma, descrevendo um semi-circulo em torno do instructor, que reteve perto delle os dois meninos: Manoel, o entomologista e Oswaldo, o matador de formigas.

— Escoteiros! disse o chefe. Manoel e Josino se distrahiam, estudando proveitosamente os habitos das formigas, quando Oswaldo poz o pé sobre ellas, esmagou-as, e espalhou, sem motivo, o cordão dos pequenos insectos, desrespeitando assim um artigo do nosso Codigo. Dou meio minuto para que Oswaldo se justifique!

Todos os escoteiros se conservaram immoveis e silenciosos. Oswaldo, de cabeça baixa, nada disse durante os trinta segundos concedidos. O chefe continuou:

— Oswaldo não encontrou justificativa para o seo acto. O escoteiro estima os animaes e se oppõe a qualquer crueldade contra elles. Ora, Oswaldo praticou uma crueldade, que elle tinha por dever impedir, si outro a quizesse praticar. Mais ainda: Oswaldo a praticou de caso pensado, a sangue frio, não o fez involuntariamente ou para se defender. Resolvam os seos irmãos sobre a pena que elle deve soffrer.

Todos os escoteiros, sem excepção, voltaram as costas ao menino, exclamando:

— Iba!

— Como vês, Oswaldo, os teos irmãos te declaram **iba**, que quer dizer: **mão**; e voltando-te as costas significaram que perdeste a consideração delles, até que te justifiques ou te desculpes... Fala.

— Reconheço que fui mão, disse o menino em voz surda. Mas prometto que não tornarei a fazer o que fiz.

— Aceito a promessa! disse o chefe.

— **Ianê!** clamaram os escoteiros, voltando-se de frente, sorridentes.

— Teos irmãos te declaram **ianê**, isto é: **bom**. Estás desculpado. Em fórma!

Oswaldo e Manoel apertaram-se mutuamente as mãos e foram occupar o seo lugar no semi-circulo.

O instructor aproveitou o ensejo para uma pequena prelecção sobre o auxilio e protecção que se deve aos animaes de qualquer especie, desde que não constituam perigo para alguém. Fez vêr aos meninos que é preciso fazer guerra, de facto, ás formigas, com especialidade ás saúvas que devastam plantações e colheitas. Mas n'aquelle caso, em plena matta agreste, e nem mesmo sendo saúvas as formiguinhas que por alli buscavam alimento, não havia perigo para pessoas ou plantas, e portanto devia-se deixal-as em paz. O incidente foi muito apreciado pelos escoteiros, pois o instructor em seguida decreveo habitos e costumes das formigas, dando-as como exemplo da economia previdente e da operosidade.

II

Oito dias depois dessa scena, em plena rua das mais frequentadas da cidade, notava-se a certa hora da manhã um grande ajuntamento em torno de uma carroça, excessivamente carregada de tijolos.

Ao centro do grupo, o unico muar que puxava o

vehiculo, jazia cahido e preso aos varaes, com um palmo de lingoa pendente. Ao seo lado o carroceiro, homem rude e impiedoso, de chicote em punho, quedava-se hesitante, em frente de um menino, uniformisado de escoteiro, e que de cabeça erguida se interpunha entre o carroceiro e o animal tombado.

— Si você der, dá em mim! dizia o menino, pallido mas calmo.

— O' pequeno! Deus me não falte com a luz na hora da morte! Mas não me **atentes!** Sahe-te d'ahi... Esse burro é manhoso. Elle ha de levantar!

— Manhoso ou não, eu não me afasto. Você já lhe bateo muito. Chega! Não seja barbaro! Vamos desatrellar o burro, que elle se levanta...

— O' menino! Tu nem sabes o que estás a **dizeri!** Si desatrellar o burro, quem é que ao **despois** suspende os varaes?... Serás tu talvez...

— Eu, você, e todos que estão aqui... Tem tanta gente! Todos ajudam...

— **Cáes o quê!** Só descarregando os tijolos...

— Pois descarrega-se! Eu ajudo...

Os mirones sem intervir aguardavam o fim do espectáculo. Era revoltante! Afinal o menino começou a desafivellar uma correia, mas o carroceiro, indignado, pegou-o pelo hombro e deo-lhe um empurrão, jogando-o para o lado. Um **oh!** partio dos circumstantes mas ninguem se moveo. O carroceiro, então, ergueo o chicote a toda a altura...

De um salto, o pequeno pendurou-se-lhe no braço erguido; desta vez com os olhos em fogo e bradando:

— Não dê no burro!

Outro safanão e o menino foi rolar sobre o corpo do animal cahido, que começou a escabujar. O chicote ergueo-se sobre o grupo do animal e o menino. Houve um murmúrio de indignação e algumas vozes arriscaram o classico:

— Não póde!

O chicote, porém, não desceo. Seguro o pulso do brutamontes por uma mão firme, o chicote lhe foi arrebatao e uma voz energica, bradou:

— Está preso!

Um sub-official da Armada, com a farda de aviaador naval, pouca altura, vermelho, cabelo ruivo, olhar franco e leal, pulso de ferro, segurára o bruto carroceiro, entregando-o á guarda de uma praça de policia que chegava. Depois, erguendo o menino de sobre o animal lhe disse:

— Bravo! Cumpriste o teu dever, escoteiro!

Voltando-se em seguida para a roda dos mirones, apostrophou-os:

— O que é incrível é que no meio de tantos imbecis que assistiam a isto não houvesse um homem, que formasse, ao menos, ao lado desta creança! Sucia de desfibrados!

Diversos populares, porém, accorriam que auxiliaram o sub-official e o menino a safar o burro dos varaes, e só então o escoteiro e o seo protector de

momento puderam afastar-se um pouco, deixando o caso entregue á policia.

— Como te chamas? perguntou o sub-official, fazendo o signal de chefe escoteiro.

— Oswaldo Costa! respondeo o menino perfilando-se e retribuindo a saudação.

— Tomo nota do nome para cital-o como exemplo aos meos escoteiros.

— O senhor é instructor? indagou Oswaldo, o ex-matador de formigas.

— Grupo do Centro. Escoteiros do Mar! respondeo o sub-official.

E despedio-se do menino com um energico aperto da mão esquerda, seguindo o caminho e murmurando:

— Isto consola!... Isto consola!...



ART. 10."

"O escoteiro é sempre jovial e entusiasta e procura o lado bom de todas as cousas."

I

Era um verdadeiro canario o escoteiro Arnaldo. Canario ou melro, porque ou a cantar ou a assoviar, elle estava de continuo.

Só cessava a musica quando estava em fórma ou preso pelo silencio obrigatorio em certos exercicios. Mas aquillo era para elle um verdadeiro sacrificio, e assim que recobrava a sua liberdade, o Arnaldo se desmanchava todo em trillos variados e marchas e dobrados, tudo recheiado de escalas mais ou menos chromaticas e complicadas.

Além d'isso era o Arnaldo de uma inalteravel bonhomia. Podia cahir um pedaço de céu velho, como se costuma dizer, que elle achava sempre o lado util ou engraçado do caso. Nunca o viram zangado, aborrecido, amofinado e sobretudo choroso. Nem mesmo quando succedia machucar-se nos brinquedos ou exercicios dava mostras de enfado.

Em compensação o seo camarada Fabio era o choraminga do grupo. Mais velho do que Arnaldo, achava sempre motivo para se lamentar de tudo e de todos, e queixar-se a todo o momento. Qualquer cousa era, para elle, contrariedade, infelicidade, azar...

Nas menores cousas encontrava sempre ensejo para arrepelar-se e, si succedia dar uma topada ou arranhar um dedo, soavam gritos e lá vinham o choro, os gemidos, as lamentações.

Formando os dois meninos tão grande contraste eram, talvez por isso mesmo, muito camaradas. Arnaldo se encarregára de consolar o Fabio nas suas lamentações e o fazia em tres tempos, conseguindo, quasi sempre, transformar as lagrymas e caretas do amigo em pufos de riso.

Por isso o chamavam na tropa: **Ama secca do chorão.**

Quando acontecia o Fabio começar a lamentar-se, ou esboçava uma careta de choro, logo se ouvia o aviso:

— Lá vem agoa! Chama o ama secca!

Até que um dia o Arnaldo e o Fabio foram escalados para um exercicio de reconhecimento de postos avançados, á noite. Arnaldo logo que recebeu a ordem foi communicar a Fabio, que começou a resmungar mil e uma objecções. Arnaldo, porém, interrompeo o **Jeremias** dizendo-lhe:

— Não péga nada! Tu vaes vêr, **mocinho!**

— Não gosto de exercicios no escuro...

— Escuro? Onde é que está escuro?

— Pois é de noite! No campo não tem illuminação...

— Não tem? E os vagalumes? Para que servem? E as estrellas?

— Pode-se cahir n'um buraco...

— E' melhor do que cahir em dois buracos!

— Póde-se esbarrar n'uma arvore!

— E' melhor do que esbarrar n'uma onça!

— Hein? Você acha que nesse campo tem onças?

— Onça, onça, não digo... Mas com certeza tem pererecas!

— Estou falando sério!

— Eu tambem não **sirro**... Vamos. Já recebi as instrucções... Temos que ir vêr para o lado de S. S. O. postos de sentinellas do outro partido... Anda, d'ahi, **bêbê!**

Sem responder, Fabio seguiu o camarada, encostando-se quasi a elle, n'um gesto de receio. A estrada que os dois meninos palmilhavam era lisa e unida, de modo que rapidamente attingiram o limite da zona, um enorme tamarineiro isolado. D'alli por deante começava a exploração pelo campo. Arnaldo deliberadamente enveredou pela restinga, caminhando com cautela.

— Dizem que é bom assoviar para dar coragem! aventurou Fabio.

— Uê! Assoviar aqui só serve para avisar o inimigo!... Cala a bocca, **gigante!**

Arnaldo continuou o caminho, seguido de muito perto pelo Fabio. Logo adeante o pé do primeiro enrodilhou-se n'uma moita de capim, e Arnaldo foi ao chão. Não proferio um pio, mas Fabio soltou uma exclamação abafada.

— Hom'essa! Eu é que cáio e você é que geme? disse Arnaldo, sem se levantar.

— Você se machucou? perguntou Fabio ajoelhando-se ao lado do camarada.

— Parece que torci um pé.

— E agora?

— Agora... tenho que destorcer, não é? Vae andando para a frente, enquanto eu faço uma massagem...

— Deus me livre! Eu espero...

E Fabio ia erguer-se quando Arnaldo segurou-o pelo cinto e o fez cahir ao pé de si.

— Ai! gemeo Fabio. Você me machucou!

— Quem te manda não saber cahir.

— E você sabe?

— Sei, sim!

— Como é que torceo um pé?

— Torci coisa nenhuma! Isto foi uma torcida estrategica!...

Toda esta conversa era em voz baixa, mas Fabio, que não comprehendera, quiz levantar-se de novo. Arnaldo segurou-o de encontro ao chão, murmurando-lhe ao ouvido:

— Quietto, bêbê! Não te mexas!

— E' onça?! interrogou tremendo o pequeno medroso.

— Não... E' apenas um **onço!**

Os dois meninos quedaram-se immoveis na ma-

cega, Arnaldo contendo o Fabio e tapando-lhe a bocca com a mão, antes que elle se lamentasse, de novo.

Ouvio-se um ruido de ramos roçados por um corpo qualquer e uma voz murmurando baixinho:

— Foi por aqui assim que eu vi o vulto...

— Era um só? indagou outra voz.

— Só vi um. Levantou-se e deitou logo...

— Cuidado, hein? E' preciso que não nos peguem!

— Vamos um pouquinho mais adiante. Você sabe que, de noite, as distancias enganam muito...

Os dois vultos — dois escoteiros do partido contrario — passaram cautelosamente, afastando-se do ponto em que Arnaldo continha o medo de Fabio.

— São dois sentinellas do outro partido. Estão fazendo o mesmo que nós... susurrou Arnaldo ao ouvido do outro.

— E agora?

— Agora que elles passaram sem nos vér, nós vamos prendel-os.

— Nós?

— Pois então? Eu tomo conta de um, você do outro...

— Mas é preciso segurar o preso... Eu não posso!...

— Não. Basta dizer: **Preso!** Elle tem de se entregar.

— E si elle não quizer?

— Ora!... Você lavra um protesto com duas

testemunhas e firmas reconhecidas no tabellião!... Lá vem elles... Sentido, hein?

— Arnaldo... eu...

— Oh, **bêbê** da minh'alma! Não amola!

E o escoteiro, que se viu sósinho, pois Fabio era reconhecidamente inutil para o caso, resolveo-se e, abandonando o auxilio do camarada, quando os dois escoteiros se approximavam, de regresso, preparou o bote.

Os dois meninos vinham já despreoccupados:

— Foi illusão tua, Manduca! Não viste nada!

— Pode ser! Entretanto qu continúo a dizer que...

— **Presos, todos dois!** exclamou uma voz, rente ao chão.

E os dois escoteiros, estupefactos, sentiram as pernas presas n'um só abraço, e logo depois viram erguer-se, á sua frente, Arnaldo, que sorria e lhes dizia:

— Então camaradas? Estão fazendo o **futingue**? Passem os lenços para cá...

E foi arrecadando os dois lenços, que os outros lhe entregaram rindo-se.

— Eu não te disse que tinha visto? exclamou um dos prisioneiros.

— E onde é que você se metteo? perguntou o outro a Arnaldo.

— Eu não me metti. Estava deitado, quando vocês passaram por cima de mim quasi, e eu moita!... na moita de capim.

— Mas eu vi alguem cahir e ficar deitado!

— Cahio sim! Fui até eu que o fiz cabir. Está alli... E' o meo ordenança!

— E o que faz elle alli, deitado?

— Está vendo si as lanternas são electricas ou de acetyleno...

— Que lanternas?

— As lanternas dos vagalumes! Vamos, levante d'ahi, **bêbê**! Toma conta deste lenço, que é teo; eu fico com o outro.

Fabio ergueo-se um pouco envergonhado e disse:

— Não. Você é que prendeo os dois. Fique com os lenços.

— Perdão! Não admitto **repiniques**! Eu tenho procuração de você! E depois você estava em serviço!

— Eu? Em serviço?

— Pois então! Estava encarregado de fazer uma massagem no pé... de capim, que eu torci, quando me deixei cahir...

Os dois prisioneiros deitaram a rir e, de boa vontade, deixaram-se conduzir para o posto de Arnaldo, que os apresentou ao seo chefe, attribuindo a Fabio a captura de um delles.

— Protesto! disse o menino, lealmente. Eu não fiz nada!

— Cala a bocca, **mocinho**! Você servio de **isca** para a pescaria... Lóóógo prendeo tambem!

E Arnaldo assoviou a marcha batida... mas, ven-

do que Fabio se afastava coxeando, foi atraz d'elle, indagando:

— Estás capenga, bêbê?

— Não é nada! Quando eu cahi... dei um torção no tornozello...

— E não choraste?! Não disseste nada?! Andaste até aqui, sem gemer? Oh!... Heróe!!! Estás demittido de bêbê! Senta-te aqui e dá cá o pé, meo louro!

O menino obrigou o camarada a sentar-se em uma raiz de arvore, e com infinitas precauções descalçou-lhe o pé machucado, tirou-lhe a meia e, delicada mas energeticamente fez-lhe no tornozello uma massagem, durante a qual Fabio, com os dentes cerrados não soltou sequer um ai! Os outros escoteiros assistiam á scena boquiabertos.

— Que novidade! disse um. O Fabio não choraminga mais?!

— E' que eu comprehendí que a gente deve levar as cousas pelo lado bom... O Arnaldo me ensinou como é que faz! Agora não gemo, nem choro mais! Estou demittido de **bêbê-chorão!**

— Bravos! clamaram os companheiros. Viva o Fabio e o seo **professor** Arnaldo!

— E'... mas... eu perdi o emprego! lamentou-se Arnaldo!

— Como assim? Que emprego?

— O de **ama secca**, pois não é?

Uma gostosa gargalhada acolheo a pilheria, não sendo o Fabio o ultimo que se rio...



ART. 11.º

“O escoteiro é economico e respeitador do bem alheio.”

I

— Safa! Que tu sabes ser desperdiçado!

— Que quer dizer isso?

— Desperdiçado? Oh, homem! Pois não vês? Comes e jogas fóra pedaços de pão e mortadella, ainda inteiros quasi.

— Não gosto de miolo nem de toucinho.

— Não é motivo para jogares fóra! Guarda que logo encontrarás quem os queira...

— Quem é que vae querer meos restos?

— Não são restos. São sobras. Quanto pobre ficaria feliz com isso que jogas no matto!

— Ora! Economia de migalhas... Serve para as formigas!

O dialogo se travára entre dois meninos, fardados de escoteiros, que sentados á sombra de uma arvore, na beira da estrada, almoçavam, summariamente, pão, queijo e mortadella.

Os dois escoteiros haviam sido designados para effectuarem, juntos, uma prova de resistencia para

promoção de classe e tinham de caminhar ainda até á tardinha.

E ao passo que Salvador, economico e previdente, comêra o seo almoço, reservando um pouco para a merenda, o Simas, seo companheiro, estragava o que não queria comer, atirando para dentro do matto as sobras; d'isso resultou que, findo o almoço, Simas sacudiu as mãos, fez uma bola do papel em que conduzira a boia e jogando-a para o matto tambem, poz-se de pé, sorveo uns goles de agoa de seo cantil, e saltando para o meio da estrada, declarou:

— Prompto!

Salvador guardára cuidadosamente as sobras do almoço, embrulhando-as em papel impermeavel que em seguida atou com um barbante, pendurando o embrulhinho no mosquetão do cinto. Desalterou-se tambem no seo cantil e, calmamente, veio para a estrada dizendo:

— Toca a andar que ainda temos que bater uns sete ou oito kilômetros.

— Tanto assim? indagou Simas.

— Pois então? Tu atrazas sempre a marcha com uma porção de brincadeiras pelo caminho.

— Ora! Andar seguido... seguido!... E' muito páo!

— Para que vieste, então?

— Para me divertir.

— E eu vim para cumprir um dever! E temos

tempo marcado para chegar... logo, toca para a frente!

Os dois meninos estugaram o passo pela estrada deserta, batida de sol e, só de quando em quando, emsombada por alguma arvore á beira do caminho. Já haviam caminhado uns quatro kilometros quando encontraram, sentado na valleta que acompanhava a estrada, um velhinho andrajoso que, supplice, lhes estendeo o chapéo, murmurando alguma cousa, que terminava em:

... pelo amor de Deus!

Simas respondeo, sem parar:

— Deos o favoreça!

Mas Salvador acercou-se do velhinho e lhe disse:

— Dinheiro não tenho, meo velho, mas si acceita um pouco de comida...

— E' o que eu peço, meo menino! Não. posso mais trabalhar, e desde hontem que não como...

— Tome. E' tudo o que eu posso dar...

O menino desprendeo do mosquetão o embrulhinho de sua merenda, que entregou ao mendigo. Este recebeo a esmola, accumulando sobre a creança suas benções agradecidas.

— Fique com Deus, meo velho. Eu tenho pressa! Adeus!

E Salvador apressou o passo para alcançar Simas, que se distanciára. Mais um kilometro foi vencido pelos dois caminhantes, quando Simas, que até então se conservára calado, disse ao companheiro:

— Vamos parar um pouquinho n'aquella sombra?
 — D'essa maneira, Simas, não chegamos no tempo marcado...

— Vae tu adiante!

— Sabes muito bem que é preciso que cheguemos ambos juntos, sinão a prova não tem valor!

— E estou com fome, sabes?

— O que é que vaes comer? Puzeste fóra as tuas sobras...

— Tu repartes commigo o que te sobrou.

— Não tenho mais nada!

— Comeste tudo? Eu não vi.

— Não comi. Dei aquelle velhinho pobre que nos pedio esmola.

— Bonito! E agora?

— Agora o que? Eu não tenho fome.

— Mas tenho eu! Que massada! E não tens dinheiro? Podia-se comprar em alguma vendinha pão e queijo...

— Não tenho. Esqueces que uma das condições da prova é não conduzir dinheiro?

— Que raiva!

Os dois meninos continuaram, em silencio, no mesmo passo.

De subito, Simas teve uma exclamação de alegria. Abaixou-se e levantou do chão uma bolsinha, que abriu e onde encontrou um lenço e dinheiro. Contou rapidamente...

— Estamos bem! Quatro mil e seiscentos!

— Estamos não! corrigio Salvador. Eu não quero um vintem desse dinheiro que não nos pertence!

— Ora essa! Dinheiro achado não tem dono. E' de quem o encontra.

— Pode ser; mas é preciso saber si esse não tem dono.

— Bobagem!

E Simas, deliberadamente, guardou a bolsinha, dizendo:

— Apareça agora uma vendinha e vaes vêr que orgia de pão com queijo! E sardinhas tambem!

II

Salvador, sem responder, firmou o passo na estrada, calculando a hora pela altura do sol, já em franco declinio. Mais uma hora de marcha e começaram a apparecer os indícios da approximação da villa, para onde se dirigiam os escoteiros. Pequenas casas, disseminadas pelo campo, uma chaminé de fabrica, ao longe; o som argentino de um sino, e n'uma curva da estrada, surdio a vendinha tão almejada pelo Simas.

— Já era tempo! exclamou o menino. Estou com a barriga dando horas.

— Tu não vaes gastar esse dinheiro, Simas! observou Salvador.

— Ora essa! Que tem?

— Não te pertence.

— E quem é o dono?

— Não sei, mas sei que não é teo nem meo, e é quanto basta!

— Bem. Eu faço um empréstimo. Si apparecer o dono, eu depois pago.

Salvador calou-se. Na estrada, em sentido contrario, caminhava uma menina de seus onze annos, descalça, pobremente vestida, que trazia, pendurada do braço, uma cesta e procurava alguma cousa pelo chão. Parecia chorar, pois tinha os olhos vermelhos, e a meudo os enxugava com a manga da sua blusasinha.

Simas passou por ella, apressando-se para alcançar a vendinha.

Salvador, porém, demorou o passo e enfrentando a pequena, perguntou:

— Perdeo alguma cousa?

A menina parou, acanhada e receiosa, mas respondeu affirmativamente com a cabeça.

— O que foi? indagou o escoteiro.

— Minha bolsinha com o lenço e o troco dos ovos que fui vender. Si eu não achar, Mamãe me bate!

— Quanto era?

— Quatro mil e seiscentos de duas duzias.

Salvador levou á bocca o seo apito e silvou um trillo agudo, seguido de dois curtos. Simas parou na estrada e voltou-se. Salvador trillou então tres silvos curtos: **acelerado!** Simas que, afinal, não era um indisciplinado, obedeceu e voltou a correr. A menina, atemorizada, afastou-se para a beira da estrada.

— Simas! exclamou o menino, collocando as duas mãos nos hombros do companheiro e olhando-o nos olhos:

— Aquella menina vendeo duas duzias de ovos por quatro mil e seiscentos... e perdeo a bolsinha com o dinheiro e o lenço. Si não achar a bolsinha, a mãe d'ella bater-lhe-á...

Simas nem pestanejava. Dois segundos se passaram, depois o menino sem baixar os olhos, que scintilavam, proferio em voz pausada:

— Artigo decimo primeiro... Obrigado, Salvador!

E desprendendo-se das mãos do camarada sahio a correr:

— Menina! O' menina! Escute... não fuja!... Tome a sua bolsinha que eu encontrei.

A menina que achára de bom alvitre correr, parou ao ouvir falar em bolsa, e esperou o escoteiro que agitava no ar a bolsinha. Simas entregou-lhe a bolsa e ia voltar, quando a menina lhe disse:

— Tome p'ra você..

E offerecia a Simas uma penca com oito ou dez bananas ouro, muito amarelinhas e perfumadas, que encheram de agoa a bocca do menino. Mas, vencendo a tentação, Simas afastou a mão da menina, dizendo, a sorrir:

— Obrigado! Não quero, não...

— Posso dar porque são minhas!

Corando, o Simas murmurou:

— Segunda lição!

Em seguida fazendo á menina a saudação escoteira, rodou nos calcanhares, e voltou para perto de Salvador, que o esperava. Ahi, apertando o cinturão, disse prazenteiro:

— Toca a andar **seo** Salvador! Você está molle, hoje! Vamos terminar o **raid**.

— Vamos! exclamou radiante Salvador.

E abraçando o camarada, accrescentou:

— Achei o meo Simas! Toca! O finsinho é que custa!... E eu confesso que tambem estou com fome! Um! Dois! Um Dois! Rataplan, do arrebol...

Simas emendou em duo:

— Escoteiros vêde a luz!

Rataplan, olhai o sol...



ART. 12.º

“O escoteiro tem a constante preocupação da sua dignidade e o respeito a si mesmo.”

I

Durante a folga de — tempo livre — em um exercicio de campo, quatro escoteiros, reunidos á sombra de uma arvore, conversavam animadamente, surdindo de momento a momento gostosas risadas, que bem denotavam o prazer que lhes causava o assumpto da conversa. Tão entretidos estavam que só deram pela aproximação de um outro escoteiro, quando este já se achava a uns dez passos de distancia.

Logo, porém, a animação cessou, e continuando embora a conversa, o diapasão das vozes baixou, as risadas se apagaram e cada um procurou um disfarce para simular uma occupação, tendo assim mudado o assumpto da palestra.

O escoteiro, que se approximava, vestido correctamente, tinha o olhar limpido e os traços da physionomia serenos, que indicam a placidez do pensamento, isento de idéas suspeitas e preocupações excusas.

O sorriso brincalhão que lhe bailava nos labios

apagou-se, ao perceber que os quatro companheiros se haviam perturbado com a sua chegada e um vinco profundo se lhe desenhou entre os supercílios, denotando intensa contrariedade.

Os quatro meninos, que em diversas posições se acolhiam á sombra da arvore, differentes no aspecto physionomico, tinham entretanto um certo ar de parecença, que lhes era emprestado pela similitude do desalinho dos uniformes, pelo pouco cuidado hygienico das unhas e dos dentes, dos cabellos etc. e principalmente pelos ares desenvoltos em contraste com o velado dos olhares, nunca firmes; olhos pisados, faces abatidas, commissuras dos labios repuxadas para baixo, stygmata certos dos meninos deshonestos.

— Porque motivo vocês se calam sempre que eu chego? indagou o escoteiro recémvindo que se chamava Lauro.

— Nós não nos calámos; aventurou um dos quatro sem levantar os olhos.

— Você é que é muito desconfiado... respondeo outro da mesma fórma.

— Vocês estavam conversando e rindo com animação, tanto que eu vim para me rir tambem.

Houve um murmúrio entre os quatro, que não responderam.

— Vocês emmudeceram? Então é que a minha presença lhes desagrada!...

— Não é; disse um afinal. O Mario estava contando uma historia. ..

— Pois continue que eu tambem gosto de ouvir!

— Qual! Você é todo atirado á seriedade... objectou Mario.

Houve um silencio penoso. Depois, Lauro, cruzando os braços, ergueo o busto com um movimento viril e falou pausadamente:

— Vocês precisam deixar por uma vez esses costumes máos. Só conversam sobre assumptos sem decencia, só contam historias e aneddotas, que offendem a moralidade! Imagino o que vocês hão de pensar e fazer! Isso não é digno de escoteiro. Vocês não se prezam? Não têm vergonha de se sujar continuamente com essas baboseiras?

— Para que ha de estar você a pregar sermões, frei Lauro? interrompeu o Mario. Quem é que lhe disse que nós estavam contando indecencias?

— Ninguem me disse. Eu vejo.

— Você é advinho? chasqueou o Jayme.

— Não sou, mas desafio a vocês quatro para olharem para mim, de frente, de cabeça erguida! Si vocês têm consciencia de que não estavam fazendo nada de mal, não é difficil! Vamos, olhem para mim... e eu pedirei desculpas.

Os quatro meninos curvaram as cabeças, disfarçando.

— Isso é bobice! disse um.

— Não amola, Lauro! acrescentou outro.

— Não olham! afirmou Lauro. Não podem olhar! Fico triste, porque vejo que vocês, meos irmãos es-

coteiros não cumprem o artigo, talvez mais importante, do nosso Código! Por outro lado fico contente por vêr que não tiveram a coragem de olhar para mim. Isso prova que vocês não são mãos, não são cynicos! Coragem, camaradas! Joguem longe esses vícios sujos e inúteis e sejamos todos verdadeiros escoteiros!... Eu não estive aqui, comprehendem?

Com esta promessa de silencio e neutralidade, Lauro retirou-se em passo natural.

Alguns minutos decorreram em silencio. Os quatro meninos não se falavam e evitavam que os olhares se encontrassem, como envergonhados uns dos outros; afinal, o Mario, talvez o mais perverso e viciado dos quatro, querendo mostrar independencia, disse em voz mal segura:

— Este Lauro fala bem! Falou e não cuspiu!

A pilheria, porém, não teve echo.

Os outros tres nem sorriram sequer e, erguendo-se, foram lentamente se afastando em diversas direcções, como que vexados de se acharem juntos.

Mario deixou-se ficar um pouco; depois levantou-se, espreguiçou-se estirando os braços e resmungou:

— Aquelle frei Thomaz! Façam o que elle diz e não façam o que elle faz!... Vae-se vêr: é um santinho de pão ôco!

II

Dois dias depois Lauro foi procurado em casa por Jayme, que lhe disse:

— Lauro, eu e o Quincas estivemos hontem conversando e queriamos falar uma cousa com você...

— Pois falem! Onde está o Quincas?

— Teve vergonha de vir... Si você quizesse, vinha conosco...

— Onde está elle?

— Ficou esperando na jaqueira.

— E' boa! Emfim!... Vamos até lá.

Os dois meninos se encaminharam para o ponto indicado; alli sob a arvore frondosa, o Quincas sentado em uma raiz esperava, e ao approximarem-se os camaradas fez menção de se levantar, mas Lauro calcando a mão no seo hombro lhe disse:

— O que é que pega Quincas?... Vamos sentar... Sou todo ouvidos.

Quincas, porém, ruborizado, conservou-se calado.

— Vamos lá, desembucha. Porque tiveste vergonha de ir me procurar com o Jayme? Os dois queriam me falar e, agora que estou aqui, não dizem patavina! Que mysterio é esse?

Jayme conservava-se de pé com os olhos pregados no chão e Quincas, esgaravatando o sólo com um páosinho, silenciava tambem.

— Então? perguntou intimativamente Lauro. Vocês continuam calados?... Vou-me embora...

Depois attentando melhor no camarada, de cujo rosto corriam lagrymas abundantes:

— Que tens? Estás chorando Quincas? Fala! Conta tudo...

E passando o braço pelos hombros de Quincas puxou-o para si fraternalmente. O menino encostou a fronte ao hombro de Lauro e deo livre curso aos soluços que lhe opprimiam a garganta. Jayme sentára-se tambem, engulindo em secco.

— Mas é preciso que vocês falem! Eu não sou feiticeiro para advinhar!...

— E' que nós... começou Jayme.

— Sim. Vocês, o que têm?

— Nós estamos arrependidos... e envergonhados... Queremos cumprir á risca o artigo doze do codigo...

— Pois então? Não é motivo para chorar! Pelo contrario, cara alegre! Joguem para traz o que já foi! Vida nova!... Será possivel que vocês tenham ouvido o que eu disse outro dia?

— Foi isso mesmo, que você disse, que fez nós mudarmos... Mas...

— Mas o que?

— Mas não temos força para esquecer... para fugir...

E Jayme curvava a cabeça cada vez mais.

— Ora essa! exclamou Lauro. Ora escutem! Vamos, Quincas, enxuga essas lagrymas... Levanta a

cabeça, Jayme. Coragem! Ouçam bem o que eu vou dizer: Desde que vocês queiram, vocês conseguem!

— Por mais que a gente faça...

— Qual historias! Diz cá uma cousa: quando você vae por um caminho cheio de lama, o que é que você faz para pisar no secco e não se enlamear?

— Procuo o lugar enxuto... aventurou Jayme, animando-se.

— E para achar o lugar enxuto, você olha para a lama?

— Não. Olho para o secco!

— Pois ahi está! Si você olhar sempre para a lama não pode enxergar o logar secco, não é assim? Pois é a mesma cousa. Quem sempre pensa e sempre fala em cousas más, indecentes, por força ha de ficar sujo! E' por que olha para a lama! Agora o menino que olha para o secco, isto é, que só pensa em cousas boas, decentes, anda limpo! Vocês comprehendem?

— Mas ás vezes são os outros que vem conversar perto da gente essas cousas... gemeo o Quincas.

— Pois sim, mas então a gente sahe d'aquelle logar, não lhes presta attenção, diz que não quer ouvir, que tem mais que fazer... Tambem ás vezes passa uma carroça de lixo pela gente e respinga a nossa roupa de sujeira... Não se pode evitar, mas limpa-se logo a roupa e a gente foge da carroça...

— Que bonito! disse o Quincas, já reanimado. Agora entendi. Nós queremos ser limpos como você,

Lauro. Mas é preciso que você nos ajude, não é Jayme?

— Isso mesmo é que nós viemos pedir a você...

— Pois contem commigo! Não queiram mais conversas bôbas e quando tiverem pensamentos mãos lembrem-se logo da Flôr de Lis!

— Da Flôr de Lis e de você! exclamou Quincas.

— E si o Mario continuar a nos perseguir? perguntou Jayme.

— Si elle vier com conversas vocês fujam de ficar sós com elle.

— E si não fôr possível? A's vezes o chefe ordena serviços a dois e a tres. Imagina si elle destaca o Mario com um de nós?!

— Vocês declaram com firmeza que não vão! E si o chefe perguntar porque, vocês respondam que o Mario sabe a razão.

— E si ainda assim elle insistir?

— Vocês digam ao chefe que eu — Lauro — prohibi vocês de andarem com o Mario.

— Bravo! Assim, sim!

Jayme saltou ao pescoço do camarada, a quem por sua vez Quincas apertou com força as mãos.

Dentro de um mez o impenitente Mario, verdadeiro microbio do mal, era obrigado a se retirar do grupo, porque já nenhum escoteiro lhe dirigia a palavra e todos recusavam servir com elle.

O Chefe teve a explicação pelo Lauro e approvou essa **boycottage**, que deo em resultado ficar o grupo purificado daquelle elemento pernicioso e dissolvente de costumes. O terceiro escoteiro do grupinho de Mario, tambem o abandonára por conselho de Jayme e Quincas.

Hoje, todos os escoteiros praticam conscienciosamente o art. 12 do Codigo, que os fortalece moral e physicamente para a lucta viril e pura, em que o homem ha de vencer a materia pelo espirito e a impureza pela vontade!

O que a todos vós deseja o vosso velho amigo:

B. CELLINI.



INDICE

Compromisso do Escoteiro	7
Codigo do Escoteiro	7
Aos paes de meus patriciosinhos	9
Dedicatoria	13
Os mandamentos do Escoteiro — Artigo 1°	15
" " " " 2°	39
" " " " 3°	51
" " " " 4°	65
" " " " 5°	77
" " " " 6°	95
" " " " 7°	105
" " " " 8°	113
" " " " 9°	123
" " " " 10°	133
" " " " 11°	141
" " " " 12°	149